



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CURSO DE PEDAGOGIA

EDUARDO DE SOUZA LIMA

OS DESENHOS ANIMADOS E AS INFÂNCIAS: presença de personagens negros na obra “O irmão do Jorel”

João Pessoa

2024

EDUARDO DE SOUZA LIMA

OS DESENHOS ANIMADOS E AS INFÂNCIAS: presença de personagens negros na obra “O irmão do Jorel”

Trabalho de Monografia a ser apresentado a Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade Presencial - Magistério em Educação Especial como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Nádia Jane de Sousa

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732d Lima, Eduardo de Souza.

Os desenhos animados e as infâncias: presença de personagens negros na obra "O irmão do Jorel" / Eduardo de Souza Lima. - João Pessoa, 2024.
61 f. : il.

Orientação: Nádia Jane de Sousa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Desenho animado. 2. Infância(s) negra(s). 3. O irmão do Jorel. I. Sousa, Nádia Jane de. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

EDUARDO DE SOUZA LIMA

OS DESENHOS ANIMADOS E AS INFÂNCIAS: presença de personagens negros na obra “O irmão do Jorel”

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte das exigências para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia (Licenciatura) pelo Centro de Educação (CE).

João Pessoa, 05 de Novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Nádia Jane de Sousa.

Orientadora
Prof. Dra. Nádia Jane de Sousa

Prof. avaliador
Prof. Dr. Diego dos Santos Reis

Prof. avaliador
Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz

“Eu sou a continuação de um sonho
Da minha mãe do meu pai
De todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho
Da minha vó, do meu vô
Quem sangrou pra gente poder sorrir
Eu sou a continuação de um sonho
Da minha mãe do meu pai
De todos que vieram antes de mim
Eu sou a continuação de um sonho
Da minha vó, do meu vô
Quem sangrou pra gente poder sorrir”
(BK, 2022)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe e rainha, Zenaide, dona do maior coração já visto, por ser a projeção física da força e do amor, por ter aguentado o peso do mundo nas costas e por até mesmo nos seus piores dias ter sido a melhor pessoa por e para nós, por ser o melhor colo e porto seguro, por me ensinar a amar e a nunca desistir daqueles que amo, minha gratidão e o meu amor serão para além dessa vida, você é modelo para ser melhor e para acordar todos os dias, eu ainda vou te dar tudo aquilo que a senhora merece, seu sorriso me acalma como a brisa do mar, sua voz sempre será o melhor som de todos, a senhora sempre será o meu amor, vou fazer o meu melhor sempre para lhe orgulhar e tudo isso sempre será por nós.

Ao meu pai, Nonato, por ser o homem mais corajoso que eu conheço, por todas as vezes que voltou durante as madrugadas para casa, para nunca deixar faltar nada para nós 4, por tudo que teve que passar e nunca quis dividir por não achar que poderia, que bom que hoje podemos fazer isso, você é o melhor pai que eu poderia ter, obrigado por todas as noites ao seu lado assistindo filmes e desenhos, por todas as vezes que me ensinou a ser corajoso, a não desistir e a ter respeito, por me mostrar que nós nunca abandonamos aqueles que amamos e por fazer da sua paixão (esportes) ser a minha também, o senhor não tem ideia de quantas vezes isso me salvou e me moveu, amo você e isso sempre será por nós.

A melhor irmã do mundo, Ri, uma das mulheres mais fortes e corajosa que já vi, obrigado por todas as vezes em que salvou a minha vida, por ser a minha alma gêmea, por amar e acreditar em mim como ninguém, até mesmo quando eu mesmo não acreditava, por todas as vezes que escolheu os caminhos mais tempestuosos para que eu pudesse navegar em águas mais calmas, por todas as vezes que eu achei que o mundo fosse acabar e você me mostrou a calma, que tua mãe iemanjá te proteja e que teu pai ogum continue te fazendo forte como sempre foi e sei que sempre será, minha admiração e orgulho por você não cessam nunca, sempre e para sempre, nessa vida e em outras! Isso sempre será por nós.

A minha tia, Zilca, por ser a projeção física da coragem, por tudo que teve que passar para nunca deixar faltar nada para nenhum de nós, por ter sido aquela que aguentou toda a dor e se manteve firme para que todos os outros pudessem caminhar a partir disso, eu não estaria escrevendo

isso se não fosse a sua força, a sua determinação e o seu amor, serei para sempre grato por nunca ter desistido de mim, peço desculpa por todo o trabalho nesses últimos 9 anos, por todas as vezes que não fui o melhor e principalmente pelos últimos meses, eu prometo que tô dando meu melhor no meio de tudo para poder retribuir todo o esforço que fez por mim até o presente momento, sei que não falo tanto, mas eu amo você com todo o meu coração e você vai ser sempre uma das minhas maiores inspirações, isso sempre será por nós.

A Maria das Dores de Lima, minha avó por todas as orações que fez por nós até os teus últimos segundos nesse plano, elas nos sustentam até mesmo depois da sua partida, elas ainda ecoam em todos os cantos e chegam até nós todos os dias, obrigado por me ensinar a ver e viver a vida de cor, me mostrando tudo aquilo que instituição nenhuma seria capaz, por toda força que me deu para que chegasse até aqui, eu continuo levando adiante todas as nossas promessas, o teu amor, a tua luz e não vou parar até conseguir ser 1/3 de tudo que a senhora foi e, saiba que em todos os lugares que eu tiver, a senhora também estará, peço que continue olhando por mim e me protegendo, vou honrar tudo que fez pela nossa família para que além de não faltar nada, fôssemos pessoas boas, eu te amo e te amarei em todas as minhas vidas. E isso sempre será por nós.

Aos meus mais velhos ainda em vida, Seu Raimundo, meu avô e a minha avó Dona Deocina, por serem o mais próximo de Deus em minha vida, por toda a força que me dão todas as vezes que estou com vocês, pela crença no meu potencial desde quando eu ainda era apenas uma criança que não tinha dimensão sobre a realidade da vida, obrigado também por todos os incentivos até aqui e por me ensinarem a viver a vida para além das responsabilidades da vida adulta, por nunca deixarem minha criança interior morrer e me ensinar através das suas experiências, sensações, sentimentos e aprendizados que nenhuma outra instituição poderia fazer, eu não poderia ser mais abençoado, isso sempre será por nós!

A toda a minha família que sempre me abraçou e me quis bem mesmo com toda a distância e as barreiras que a vida adulta nos impõem, aos meus tios, primos, todos aqueles que me fizeram ser quem sou e que sempre me apoiaram durante a jornada.

A minha orientadora, a Professora Dra. Nádia Jane de Sousa, por ser inspiração e modelo de profissional, por todas as trocas durante o meu percurso acadêmico, sempre demonstrando uma capacidade surreal de ensinar através de uma postura muito simpática, sensível e sobretudo competente para todos ao seu redor, sou grato por todas as disciplinas que pude estar

enquanto seu aluno, saiba que a considero uma amiga! Obrigado sobretudo pela sensibilidade, respeito e delicadeza no momento de orientação, mesmo com minhas questões pessoais a senhora em momento algum se quer me questionou, para além disso esteve como apoio e acreditou em mim até o fim, nunca, nunca mesmo vou esquecer da confiança depositada não só nesse momento, mas em todos os outros, não só por mim, mas por todos os alunos que tem a sorte de tê-la como docente, além disso, és uma pessoa extremamente leve, de boa energia e com um sorriso contagiante, obrigado por tudo com todo meu coração e espero retribuir sendo pelo menos 1/3 do que a senhora representa para a educação, gratidão!!! Isso sempre será por nós.

Ao professor Diego dos Santos Reis, por ser uma das pessoas mais queridas desse mundo e por mesmo sem saber, ter me lembrado o quanto é bom viver, por me fazer querer estar em movimento mais uma vez, em sua primeira aula como monitor o senhor fez uma pergunta “o que move vocês? o que inquieta vocês? é a partir daí que temos que pensar para continuar” me vi completamente perdido e sem uma resposta e isso me inquietou, me fez lembrar que eu preciso me encontrar no meio de toda confusão que às vezes nos deparamos durante nosso caminhar neste plano e sem saber você me fez ver as coisas por uma outra perspectiva e é por isso que você é querido por todos, você é vida, força e carinho para todos aqueles ao seu redor, me espelho em você como profissional e também enquanto modelo de ser e estar aqui nesse plano. Você é fantástico e espero retribuir da mesma forma todo o apoio, carinho, amizade e confiança que depositou em mim. Serei grato para sempre! Isso sempre será por nós.8

A professora Marinês Andrea Kunz, por ser uma das pessoas mais gentis, calmas e leves que já conheci, por ter desde o primeiro contato na disciplina de linguagem e interação ter sido extremamente carinhosa com todos os seus alunos em um momento em que precisávamos de calma, no meio de uma pandemia em que não sabíamos sobre o dia seguinte, a senhora foi e continua sendo, luz vida e amor para todos aqueles que estão ao seu redor, além disso, por ter sido uma das professoras que nos levou para fora da caixinha nos fazendo refletir sobre tudo aquilo que nos circunda. Obrigado pela amizade e pelo carinho, nunca vou esquecer e serei para sempre grato por toda a confiança. Isso sempre será por nós.

Para Gabriel e Gustavo, por serem família! por todo amor, carinho, risadas e os puxões de orelha, por todos os rolês, por todos os momentos em que estivemos uns pelos outros, nos choros, nas alegrias na dor e também nos dias mais felizes, por sempre estarem presentes, desde que eu me lembro por gente, por nunca terem deixado nossa amizade diminuir mesmo com 756 km de

distância entre João Pessoa e a terra dos milagres em Petrolina - PE. Só estou aqui hoje porque tenho os melhores comigo, deus não poderia ter sido melhor, vocês são luz, vocês são força, vocês são inspiração e eu amo vocês do fundo do meu coração, obrigado por tudo eu sempre vou correr por nós eu prometo! Sou realizado por poder acompanhar o crescimento de vocês dois cotidianamente, são modelos para mim e a suas conquistas também são minhas. Isso sempre será por nós.

À Rhafaela, minha melhor amiga, por existir, pelas risadas, pelas trocas nos momentos bons, ruins e sobretudo pelo silêncio, por dividirmos a solidão. Não estaria aqui se não fosse você, e por todas as vezes em que fomos apoio um para o outro, todas as madrugadas em claro, todos os dias na escola, na universidade, em casa! e estar contigo é muito isso, você faz com que me sinta em casa! Obrigado por todas as vezes em que estivemos juntos, obrigado por ser luz na minha vida, obrigado por ser modelo e me fazer querer ser melhor, você é uma das pessoas de melhor e mais puro coração que eu já vi, além de ser uma das mais intelectuais também e não falo apenas de conhecimentos formais, você é uma intelectual da vida, que vê as coisas através de uma visão para além do que os olhos podem nos mostrar, minha admiração por você me move para lugares melhores e não me permite entrar no conformismo, eu te amo um absurdo e nada vai mudar isso enquanto eu estiver vivo, estarei aqui por você até depois do fim, isso sempre será por nós.

A Juan Diego, meu melhor amigo, por tudo! Por ter sido e estado por mim nos melhores e piores momentos da minha vida desde sempre, até mesmo quando eu não mereci todo o teu amor, bondade, luz e energia que são as melhores, estar ao teu lado é sinônimo de estar bem e feliz, obrigado por nunca ter soltado minha mão e por me permitir estar na tua vida acompanhando todo o seu sucesso e desenvolvimento, me sinto honrado demais, espero que saiba que você é e sempre será o meu protegido, que ogum te proteja, te guarde e que abra todos os teus caminhos, isso sempre será por nós!

A Jeferson Rosskopf, meu amigo, por ter sido vida em um momento em que a morte nos cercava, você iluminou minha vida, me mostrou e me mostra sempre o caminho nos momentos de turbulência, você é tão forte que me assusta, obrigado por me dar carinho, afeto, empatia e compreensão nos piores dias, me fazendo retomar a racionalidade nos momentos que a emoção tomou de conta, obrigado por confiar no meu potencial mesmo quando não confiei, saiba que és uma das pessoas que mais amo aqui nesse plano, a sua história e tua vontade de viver me movem para seguir adiante, nunca perca seu sorriso e sua leveza pra vida e essa energia maravilhosa que

tens e que cativa todos ao teu redor, estarei sempre aqui para tudo e em qualquer momento, não teria conseguido chegar aqui sem a tua presença em minha vida, isso sempre será por nós.

A Suellen, minha namorada e a mulher que eu amo! Agradeço por ter entrado em minha vida e por ter escolhido ficar, te ter do meu lado e poder segurar tuas mãos faz com que me sinta o homem mais forte e sortudo do mundo, todas as correrias e responsabilidades da vida adulta valem a pena no final do dia e você sempre deixa tudo mais leve e tranquilo, tenho a maior sorte de te ter por perto e espero dividir isso para sempre com você. Obrigado também por ser vida, amor, carinho, compreensão e luz da forma mais singela, pura e bonita que poderia existir, pela risada que me acalma, pelo olhar que me faz ter frio na barriga, pelo sorriso que ilumina os meus dias e por ser a mais gentil, amorosa e sensível. Sou grato por tudo até aqui e por ter escolhido fazer com que a minha correria se tornasse a sua também, por acreditar no meu potencial mesmo quando eu mesmo não o fiz, por vibrar as minhas vitórias como se fossem as tuas, por dividir toda correria diária comigo e por existir! Espero ser pra você tudo aquilo que és pra mim, meu bem, eu te amo! E isso sempre será por nós.

A Luan, meu amigo, a pessoa mais espontânea e sincera que eu conheço, por ter sido a primeira pessoa a me abraçar quando cheguei em uma cidade que não tinha ninguém, obrigado por me abraçar até hoje, por viver, sentir e partilhar todos os meus passos como se fossem os teus, e por mesmo com a correria da vida e das obrigações se fazer presente em todos os momentos, você é uma das pessoas mais especiais na minha vida e eu nunca vou esquecer de tudo que já fez por mim e por todos os momentos. Isso sempre será por nós.

A Laura Alencar, minha amiga, pelo carinho e amor! Por ser uma mulher tão pura e iluminada, você é única! Gratidão também por ter sido uma das primeiras pessoas a me abraçar em minha chegada, aqui, por ter e continuar iluminando meus dias e deixando tudo mais leve, aliás você é isso, né? Sinônimo de leveza, você faz com que a vida daqueles ao teu redor seja muito mais sossegada e divertida, sinto sua falta! Além disso, obrigado por sempre ser tão transparente, sincera e verdadeira. Acompanhar seu amadurecimento é fantástico e me faz querer ser uma pessoa melhor cada dia mais, te ver conquistando o mundo faz com que eu me sinta realizado, saiba que sua felicidade e suas conquistas também são as minhas, obrigado por todas as conversas durante inúmeras madrugadas, pelas risadas, pelos choros, pelas dores divididas e pelo peso sempre carregado a 4 mãos, isso sempre será por nós!

A Laura Anaile, por ser uma das minhas pessoas favoritas e mesmo com toda a distância que a vida e as responsabilidades nos impõe, por se fazer presente nos melhores e piores momentos, por me permitir vibrar tuas vitórias como se fossem minhas e por sorrir minhas conquistas como se fossem as tuas, por ter um dos melhores corações que já passaram por esse plano, por mesmo depois de 10 anos nunca ter ido, muito pelo contrário, nada nunca muda por aqui e admiração, respeito e carinho sempre crescem, eu não poderia ser mais abençoado, obrigado por estar na minha vida e é fantástico observar o seu amadurecimento e as suas conquistas, você é leveza, bondade e afeto das formas mais puras que poderiam existir, obrigado por absolutamente tudo, estarei aqui por você até depois do fim, isso sempre será por nós.

A Yohan, meu amigo, pela amizade, carinho e parceria de sempre! Por ter sido calma em meio às muitas tempestades até aqui, obrigado por me permitir ter uma segunda casa aqui em João Pessoa e por ter aceitado dividir muitas incertezas, confusões emocionais, e momentos turbulentos comigo durante esses últimos anos, obrigado também por estar presente em muitos dos melhores momentos da minha vida, nunca vou esquecer das nossas conversas na frente do mar, ou das noites de pizza em que dividimos todo e qualquer pensamento sobre qualquer assunto que seja, eu tenho admiração, carinho e gratidão sem tamanho por você, e por esse cara forte e corajoso que você se torna cada dia mais, continuo aqui para qualquer coisa, a qualquer hora, como sempre foi. Isso sempre será por nós!

A Yasmim, a minha amiga, por ser sinônimo de bondade, gentileza, carinho e amor! Obrigado por ter entrado na minha vida e se feito presente em tão pouco tempo, eu não teria conseguido chegar até esse momento e passar por tanta coisa esse ano se não fosse a tua amizade, tua sensibilidade para as questões da vida e por todo o carinho dividido, você é uma daquelas pessoas que só de respirar já faz esse lugar ser mais leve e melhor, você merece um mundo inteiro de coisas boas, espero que eu possa continuar caminhando ao seu lado e vendo você conquistando tudo aquilo que deseja, estou aqui para absolutamente qualquer coisa e admiro demais a pessoa que você é, obrigado por me ajudar a ser melhor, por não ter me deixado desistir em inúmeros momentos e por ter dividido todos os pesos, ansiedades, inseguranças e as incertezas, serei para sempre grato e isso sempre será por nós.

A Vini, por ser uma das pessoas com maior sensibilidade, amorosidade e também sinceridade que já vi, com um dos sorrisos mais fáceis do mundo também, eu sou seu fã e grato a Deus por ter colocado alguém tão bom na minha vida, muito bom te ver brilhar e poder acompanhar

sua trajetória, obrigado pela escuta ativa e por todas as trocas durante o ano. E isso sempre será por nós!

Pedro Fernandes, meu amigo, uma daquelas pessoas que a gente desconhece quem não goste, até porque você não abre espaço pra isso. Sou muito grato que nossos caminhos tenham se cruzado, saiba que cada dia mais você se torna família pra mim, és uma das pessoas mais divertidas desse planeta terra, me sinto em casa toda vez que estou com você, saiba disso! És alguém a quem tenho enorme estima e admiração, obrigado por pular em toda e qualquer aventura comigo, pela amizade que cresce cada vez mais e por ser um dos corações mais leves que já vi, você emana paz e leva felicidade para todos aqueles que te circundam, sou fã da sua história e da pessoa incrível que és, agradeço imensamente por me possibilitar ver as suas conquistas. Estarei sempre aqui por você e isso sempre será por nós.

Lileth, minha amiga por ter entrado na minha vida e escolhido ficar, você tem enorme influência para que eu esteja aqui hoje, obrigado por em tão pouco tempo ter me permitido ser eu e ter me mostrado um local de paz, escuta humana e sobretudo de afeto e carinho, espero que eu tenha feito o mesmo por você! Te acho incrível e tenho uma admiração fora do comum pela sua história de vida, pela força e coragem que tens, aquelas palavras foram muito sinceras, certo? Você tem um amigo pra contar para qualquer coisa agora, estarei sempre aqui por você, gratidão por cada um dos momentos esse ano, isso sempre será por nós.

Luiz Henrique, meu parceiro de descobertas sobre estética, esportes, das conversas sobre as coisas para além desse plano, da vida! Uma das pessoas com uma pureza sem igual, admiro e sinto a sua luz sempre, mesmo de longe! Obrigado por ser esse parceiro para todas as horas, por ser a pessoa dos momentos bons e ruins, admiro como você vive sua vida sempre seguindo seu coração e o amor que você tem pelos seus, me inspiro em você! Estarei sempre aqui para qualquer coisa a qualquer momento, isso sempre será por nós.

Agradeço também ao grupo Copene, composto por Társis e Thalissa, vocês não tem noção de quantas vezes me salvaram, de todos os momentos em que não me deixaram desistir por andarem ao meu lado, por dividirem as risadas, as dores, as angústias, os surtos (e as fofocas também), mas sempre juntos, em alguns momentos uns acalmando os outros, logo em seguida todos chegando com os dois pés na porta e as vezes só querendo espaço para desabar mesmo.

Társis você é força de uma forma fora do comum, gratidão por me permitir participar de toda sua correria e por me ensinar a dançar coco de roda, você é grandona e eu admiro demais sua forma de ver o mundo e transformar tudo em uma poesia daquelas de arrepiar. Thalissa você é uma das pessoas mais leves e divertidas de todas, além de ser uma das mais inteligentes também, admiro demais a sua capacidade de mesmo tão nova lidar com as responsabilidades como se fossem leves, além de ter um ótimo gosto musical, eu nunca vou cansar de dizer, eu sou completamente admirado pela potência que vocês duas são e por serem luz! Só de estar perto de vocês, me sinto em casa, aquela sensação de que as coisas vão ficar bem, sabe? E isso é muito massa, vocês são fantásticas e eu não poderia ser mais grato, sempre correrei por nós, isso sempre será por nós!

Igualmente ao Travessias na figura dos Professores Diego, Yan, Day, Malu, de Islana e de todos os outros integrantes, por todas as trocas não apenas nos ambientes institucionais, a Yan por ser meu mais velho na capoeira nos poucos contatos que tive e por toda paciência e leveza em me guiar, com toda certeza irei continuar com vocês, além disso por sempre terem possibilitado o Travessias ser casa, ser *locus* de aquilombamento, de carinho, parceria e muito respeito uns com os outros vocês tornaram possível continuar a caminhar, vocês a tornaram mais leve e tranquila, eu não estaria aqui hoje se não fosse a luz que vocês trouxeram para a minha vida, serei para sempre grato! Isso sempre será por nós.

A Juan Sebastian Mulleady, por ser uma das melhores pessoas que conheci na Universidade, por ter sido a primeira pessoa a me mostrar o mundo acadêmico quando eu não fazia ideia de absolutamente nada, acredito que se não fosse por você, talvez as coisas tivessem sido muito diferentes, sua amizade me salvou e me fez querer ser melhor, melhorou os meus dias durante todo o cansaço universitário com todas as risadas, parcerias e brincadeiras, você é incrível e sempre terá um espaço especial no meu coração, sinto sua falta e espero que possamos nos ver em breve, isso sempre será por nós!

A Pedro papai de Gael, um cara extremamente divertido e inteligente que me fez querer ser melhor e aprender mais, obrigado por sempre ter me incentivado e acreditado no meu potencial, nunca vou esquecer dos momentos de seriedade e discussões extremamente necessárias e interessantes e também das resenhas, você é um cara muito alto astral e é sempre bom ter sua companhia, obrigado por tudo e isso sempre será por nós!

Aos meus amigos que fiz no trabalho, José Mário, Jailson, Karine, Camila, Nayza, Albeno, Ketlen, Socorro e a todos os outros que me ensinam absurdamente todos os dias a ser melhor na profissão e como pessoa, dividir o dia com vocês faz as coisas serem mais leves e tranquilas, gratidão!

A Luca, Thales, Sarah, Anadara, Pedro, Bety, Uriel, Arthur, Miguel, Erika, Manu, Paiva, Leticia, Davi, André, e a todas as outras pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida, sempre tentarei ser luz e fazer bem para vocês e sei que é completamente recíproco, sou porque vocês são! Sou o encontro de todos aqueles que vieram antes, que estão comigo e os que ainda estão por vir, sempre serei grato, isso sempre foi e sempre será por nós!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) propõe-se a analisar a série animada chamada “Irmão do Jorel” e como se apresentam os personagens negros inseridos na narrativa. O desenho animado, desde o momento da sua criação, esteve alicerçado ao entretenimento social, principalmente atrelado ao público infantil. Nos dias de hoje isso não é diferente, já que estão inseridos nas vidas de muitas crianças que os consomem nas mais diversas mídias digitais, apresentando uma série de conteúdos que causam identificação e influem diretamente na construção do imaginário infantil e nas percepções sobre si e sobre os outros, agindo na construção identitária dos sujeitos. Dessa forma, considerando a importância da representação positiva para os corpos negros nos desenhos animados, na intenção de romper estigmas e preconceitos perpetuados através da linguagem e das características desses personagens muitas vezes imersos em representações caricatas ou atrelados sempre aos papéis secundários, parto do seguinte questionamento: Como são apresentados os personagens negros nos desenhos animados? Para isso, o presente trabalho foi estruturado como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e de análise de conteúdo, sendo o objetivo geral: Analisar a relação entre o desenho animado e a infância negra. Além disso, os objetivos específicos são: Identificar os personagens negros da obra; verificar a linguagem utilizada nos episódios do desenho em análise e apontar a importância da escola e dos educadores frente ao estudo das relações étnico-raciais. Para o desenvolvimento desse TCC foram trabalhados os conceitos de infâncias a partir de autores como Ariès (1986), levando essa a infância como um conceito sócio-histórico. Em seguida, abordamos as infâncias negras, através das proposições de autores como Reis (2024) e Gomes (2010). Também foi apresentada uma breve discussão acerca das mídias digitais, relacionando a sua utilização na construção do imaginário infantil. Mais adiante, desenvolveu-se uma construção histórica do desenho animado enquanto artefato cultural, culminando para a análise de episódios da obra “Irmão de Jorel”, escolhido como objeto de análise do trabalho. Os estudos feitos demonstraram que a presença de personagens negros nas obras animadas ainda estão muito superficializadas e frequentemente atreladas a papéis secundários, dificultando o desenvolvimento da identificação e conseqüentemente solidificação do imaginário infantil, voltando para o desenvolvimento de uma imagem negra positiva, levantando a necessidade de estudos posteriores que possam englobar a importância da necessidade de representações negras nos desenhos e nos outros conteúdos inseridos nas mídias digitais.

Palavras-chave: **Desenho animado. Infância(s) negras. Relações étnico-raciais. Irmão do Jorel**

ABSTRACT

This course conclusion work (TCC) aims to analyze the animated series called “Irmão do Jorel” and how the black characters inserted in the narrative present themselves. The cartoon, from the moment of its creation, was based on social entertainment, mainly linked to children. Nowadays this is no different, as they are part of the lives of many children who consume them in the most diverse digital media, presenting a series of content that causes identification and directly influences the construction of children's imagination and perceptions about themselves and about the others, acting on the subjects' identity construction. Thus, considering the importance of positive representation for black bodies in cartoons, with the intention of breaking stigmas and prejudices perpetuated through the language and characteristics of these characters, often immersed in caricatured representations or always tied to secondary roles, I start with the following question: How are black characters presented in cartoons? To this end, the present work was structured as a qualitative research of a bibliographic and content analysis nature, with the general objective being: Analyze the relationship between cartoons and black childhood. Furthermore, the specific objectives are: Identify the black characters in the work; verify the language used in the cartoon episodes under analysis and point out the importance of schools and educators in the study of ethnic-racial relations. For the development of this TCC, concepts of childhood were worked on from authors such as Ariès (1986), taking childhood as a socio-historical concept. Next, we address black childhoods, through the propositions of authors such as Reis (2024) and Gomes (2010). A brief discussion was also presented about digital media, relating their use in the construction of children's imagination. Further on, a historical construction of the cartoon as a cultural artifact was developed, culminating in the analysis of episodes from the work “Irmão de Jorel”, chosen as the object of analysis of the work. The studies carried out demonstrated that the presence of black characters in animated works is still very superficial and often linked to secondary roles, hindering the development of identification and consequently solidification of children's imagination, returning to the development of a positive black image, raising the need for further studies that can encompass the importance of the need for black representations in drawings and other content included in digital media.

Keywords: Cartoon. Black childhood(s). Ethnic-racial relations. Jorel's brother

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. AS INFÂNCIAS	23
1.1 As infâncias negras	27
2. AS MÍDIAS DIGITAIS	32
2.2 O desenho animado	36
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um país com uma história social, política e cultural demarcada por uma série de opressões advindas de um passado colonizador marcado pela perpetuação de violências e desigualdades sociais sobre os grupos historicamente vulnerabilizados, sustentadas pela falsa afirmação da coexistência harmoniosa entre as raças, a partir de uma concepção criada e reproduzida ao longo da nossa história conhecida como democracia racial. Isso contribui para a perpetuação dos estigmas e dos preconceitos contra a população negra. Dessa forma, os meios de comunicação e os espaços midiáticos, enquanto espaços informais de formação, tornam-se ambientes essenciais a serem trabalhados de forma crítica e reflexiva para a desconstrução dessas máculas fundamentadas pelo senso comum de uma sociedade estruturalmente racista.

É assim que, em uma realidade demarcada pela crescente ampliação tecnológica, os meios de comunicação não podem ser considerados como neutros; os programas, filmes, assim como os desenhos animados, apresentam posicionamentos ideológicos, concepções de mundo e sociedade, que segundo Silva (2018), possuem uma enorme influência para a construção do imaginário infantil, influenciando diretamente na forma como constroem sua autoimagem, a visão do outro e das formas de relacionar-se com o meio, levando dessa forma ao desenvolvimento de estereótipos e pré-conceitos a partir dos signos que são internalizados por esses sujeitos sobre os núcleos sociais a que são apresentados nesses veículos de comunicação, levando a estruturação das concepções sobre família, humanidade, relações sociais, etc.

A motivação pessoal que fundamenta essa pesquisa se dá através dos muitos atravessamentos ao meu caminhar formativo e o meu desenvolvimento identitário, enquanto homem negro. Assim, a escolha da utilização dos desenhos animados como objeto de estudo se faz pela presença em minha vida (e na de muitas crianças no Brasil e no mundo) desde a mais tenra idade; a sensação de chegar em casa depois de um dia na escola, sentar para almoçar aquela comida afetiva ao lado dos meus pais e assistir programas como Os Flintstones, Turma do Bairro, Naruto, Dragon Ball Z, Padrinhos Mágicos, X-men, dentre tantos outros, ocupa um espaço especial na minha

memória, e, provavelmente, de muitas pessoas inseridas no contexto histórico dos anos 2000 e na década seguinte.

Além disso, partindo da realidade de um sertanejo negro nascido e criado em Petrolina - Pernambuco destaco os constantes, contínuos e impetuosos atravessamentos do racismo em meu caminhar. Não consigo buscar na memória, um momento sequer, em que consigo fugir dos olhares cotidianos, dos tratamentos desiguais, do medo e do estranhamento que a cor da minha pele causa para aqueles corpos brancos, que muitas vezes tentaram me negar o direito de ser e estar criança, adolescente e adulto! Tantas e tantas vezes me deparei ainda menino com frases como “A minha mãe diz que você parece menino de rua, não gosta muito que brinque com você” momentos que nunca foram esquecidos e nem serão!

As vivências com as pessoas brancas na rua sempre me colocaram em uma posição de subalternação em relação ao desenvolvimento da minha identidade, como saber quem sou, se me olham como se eu fosse algo? Como amar a cor da minha pele se ela é a responsável por um peso maior do que qualquer ser humano poderia carregar, mesmo que eu e os meus iguais continuemos a carregar, dia após dia.

A falta de representações nos desenhos, na televisão, de cortes próprios para o meu cabelo e de figuras como eu em espaços de poder, contribuíram para uma construção de um imaginário infantil distorcido e abstrato sobre minhas características estéticas, corporais e existenciais que vem sendo refletidas e desconstruídas a partir de um tardio letramento racial em progresso, fruto das inúmeras travessias que vem sendo possibilitadas pelo meu contato com a academia, fazendo assim com que surgisse o interesse em discutir e analisar como estão sendo representados os corpos negros em espaços midiáticos, nesse caso o desenho animado.

Parte da minha formação está diretamente ligada com muitas dessas obras animadas que tive contato durante a minha infância/adolescência, trazendo concepções de bem ou mal, bom ou ruim, certo e errado, atuando até mesmo na construção das concepções de beleza e moda, assim sendo, diversos estudos como Taila Silva (2021); Mayara Silva (2015), Salvador (2012) investigam as mídias digitais como espaços informais de educação tão presentes ou até mesmo mais presentes do que as instituições formais de ensino no cotidiano dos sujeitos infantis, contribuindo para o desenvolvimento da chamada impregnação cultural abordada por Brougère (2008, apud Silva, 2015), abordando as crianças não só como observadoras mas também como reprodutoras dos signos apresentados nessas obras televisivas.

Logo, através dessa concepção de que os desenhos animados influem na construção do imaginário infantil, com a recepção, internalização e reprodução dos signos apresentados sobre as relações interpessoais e os núcleos sociais presentes na sociedade, surge o seguinte questionamento: *Como são apresentados os personagens negros nos desenhos animados?* Essa é a questão orientadora escolhida como objetivo geral e estruturante do presente trabalho de conclusão de curso, elencando como objetivos específicos a presença/identificação dos personagens negros e como são representados, de modo a pensar quais papéis assumem na narrativa; Verificar a linguagem utilizada nos episódios do desenho em análise e, por fim, apontar a importância da escola e dos educadores frente ao estudo da Educação das Relações Étnico-raciais. Para isso, será trabalhado o desenho animado intitulado “Irmão do Jorel”.

Essa animação foi escolhida a partir de dois recortes específicos. O primeiro deles em relação à origem da obra, já que ela é retratada a partir da realidade brasileira, contribuindo para uma análise mais específica da sociedade em que estamos inseridos, fazendo com que as pontuações sobre os personagens negros possam englobar a realidade racial vivenciada no nosso cotidiano. Além disso, como segundo recorte, optou-se pela escolha do referido desenho animado devido à popularidade atingida por essa obra, sendo amplamente consumida e comentada pelas crianças, estando disponível no meio televisivo, nas plataformas digitais e em streamings.

Dessa forma, o trabalho será dividido em 3 etapas: a primeira delas será direcionada ao desenvolvimento do conceito de *infâncias*, abordando o seu desenvolvimento conceitual como uma construção histórica e social a partir de autores como Philippe Ariès (1986), Neil Postman (1999), Sarmiento (2004), demonstrando que as “infâncias”, como conhecemos hoje, nem sempre existiu ou foi levada em consideração, assim como os sujeitos que a compõem tinham a sua ontologia, fala e produção de conhecimento negadas por uma lógica adultocêntrica que afastava a criança como seres capazes de recepção, ressignificação e reprodução de conteúdos a partir da interação com o meio.

Ainda no mesmo capítulo será feito um destaque como subtópico para a conceituação de *infâncias negras*, trabalhando autores como Reis (2023), Noguera (2020), Vila Nova (2023) Rodrigues, Wermelinger e Leite (2024), Gomes (2010), dentre outros, para que possamos compreender as heterogeneidades de vivências das *infâncias* para as crianças negras a partir da interação dos corpos com uma série de marcadores, como raça, etnia, condições econômicas, o território e em como uma sociedade estruturalmente racista mantida e perpetuada por um passado colonizador que atua sobre os corpos negros.

Almeida (2021), Grossi, Leal e Silva (2021) e Lazzari (2023) foram as autoras escolhidas como base de sustentação teórica para o capítulo 2, na intenção de destrinchar sobre o conceito de *mídias digitais*, trazendo a sua conceituação, quais são os instrumentos que a compõem e a participação cada vez mais frequente desses espaços como ambientes informais de ensino e de formação individual e coletiva, abordando como o desenvolvimento tecnológico e relação entre crianças e ambientes virtuais influenciam na formação individual e, conseqüentemente, na construção do imaginário infantil, levando a criação de concepções e normas sociais diversas, como por exemplo a ideia de família, das relações interpessoais, etc., impactando na forma como as crianças olham para si e para os outros.

O capítulo dois contará com um subtópico, serão utilizados autores(as) como Mayara Silva (2015), Taila Silva (2021), Salvador (2012), Bezerra (2012), Fernandes (2002) para trabalhar o objeto de estudo escolhido na pesquisa, trazendo as concepções históricas sobre a construção das primeiras formas de apresentação do desenho animado, desde a sua criação até o desenvolvimento de sua reprodução nos meios comunicativos, além de abordarem os impactos sobre as infâncias e sua influência, tanto no comportamento infantil como na produção de sentido das crianças. Silva (2023), Rocha (2023), Kindel (2003), Silva (2018) serão utilizados para fundamentar a relação entre os desenhos animados e a sua participação na construção de um perfil identitário infantil, englobando de mesmo modo a formação da consciência racial para crianças negras e não negras a partir da presença e de como são apresentados os personagens negros.

O capítulo 3 será desenvolvido por meio do mapeamento e análise dos 31 episódios utilizados como fundamentação para a investigação pretendida, indicando o nome e as temporadas em que estão inseridos, em seguida outra tabela será apresentada referente aos personagens negros que foram identificados ao longo desses capítulos assistidos. Vale ressaltar que a escolha dos personagens decorreu das suas características fenotípicas ¹ e também com base na análise das pessoas reais nas quais muitos deles foram baseados, não levando em consideração apenas a tonalidade da cor de pele.

Pretende-se durante o percurso investigativo apresentar breves considerações acerca das concepções de identidade, englobando a multiplicidade de infâncias, dando ênfase às infâncias negras, além de destrinchar a utilização do desenho animado enquanto artefato cultural escolhido como objeto de estudo para sustentar o presente trabalho, caracterizando as mídias digitais enquanto participante na formação identitária das crianças. Tais questões servirão como suporte para analisar

¹ Fenótipo relaciona-se às características físicas, morfológicas, fisiológicas e comportamentais de um determinado indivíduo.

como são apresentados os personagens negros na obra “O irmão do Jorel”, levando em consideração a linguagem utilizada no desenho, refletindo-a mediante as proposições tecidas sobre a linguagem por teóricos como Fanon (2008), Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011) como um instrumento para além da comunicação e expressão de pensamento, sendo constituída a partir da interação, enquanto um dispositivo de autoconhecimento, capaz de promover a formação identitária e cultural, desenvolvendo formas de ser e estar no mundo. Observando do mesmo modo a estética, os comportamentos, os papéis e função que esses personagens possuem na obra.

Dessa forma, levando em consideração a multiplicidade de infâncias em uma sociedade pautada pela aceleração trabalhista que contribui para o afastamento dos pais do seio familiar devido às longas jornadas de trabalho, atrelados a um *boom* informacional e tecnológico, ressalto a relevância pedagógica, social e acadêmica desse estudos, ao passo em que os desenhos animados através dos veículos midiáticos passam a atuar cada vez mais como espaços informais de formação para esses indivíduos. Logo, levando em consideração as infâncias como uma parte da vida humana preponderante para a formação identitária, pretende-se através desse trabalho, discutir a importância da representatividade negra nos desenhos animados.

Proponho assim, a partir das análises sobre como são postas as características dos personagens pretos da série animada, apontar qual o papel da educação enquanto ambiente formativo e como podemos influir enquanto pedagogos na desconstrução de estigmas para a reconstrução dos laços de pertença, acreditando ser a formação identitária um dos passos de extrema importância para o alcance de um sólido letramento racial para os meninos e meninas negros(as), visando a construção de uma postura de autonomia e emancipação em prol do exercício da cidadania, além da proposição de uma educação contra colonial firmada na garantia de um ensino pluriverso² (Noguera, 2015), deixando de lado todas as universalizações epistêmicas que contribuem para a invisibilização dos corpos negros.

O presente TCC tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, por julgar que existe uma relação entre o mundo real e o fenômeno a ser pesquisado. Sendo assim, aponta a crença de que há uma relação inseparável entre o mundo objetivo e a *imaterialidade?* da problemática, não dando espaço para que esta seja transcrita em números. Desse modo, a interpretação desses acontecimentos e o levantamento de sentidos são características essenciais à abordagem qualitativa. Por conseguinte, não necessita da utilização de métodos e técnicas

² A pluriversalidade trabalhada por Noguera (2015) refere-se é um conceito trabalhado como instrumento de garantia ao direito a presença das múltiplas epistemologias e existências nos ambientes sociais, nesse caso no chão da escola, indo de encontro aos universalismos abstratos propagados por uma sociedade estruturalmente eurocêntrica.

estatísticas, apresentando caráter descritivo, tendo como ponto principal o processo e a significação da temática abordada. (Prodanov e Freitas, 2013).

As discussões teóricas foram trazidas a partir de levantamento bibliográfico advindos de leituras de livros, revistas, publicações em veículos científicos e periódicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, acervo da internet, etc., utilizando também vídeos, filmes e fotografias como documentos de pesquisa, por acreditar que “a imagem com ou sem acompanhamento de som, oferece um registro restrito mais poderoso das ações temporais e dos acontecimentos reais” (Loizos, 2007, p.137), possuindo como objetivo oportunizar para o pesquisador maior contato com a totalidade do material disponível sobre determinado assunto a ser analisado (Prodanov; Freitas, 2013).

Dessa forma, será feita uma análise de conteúdo que, segundo Martin W. Bauer (2007), se caracteriza como uma “uma metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto,” na intenção de explorar o objeto cultural escolhido, a partir da crença de que os signos apresentados pelo texto oferecem uma multiplicidade de sentidos, possibilitando leituras sociais distintas a partir dos vieses contidos no conteúdo analisado.

Além disso, apresenta também caráter exploratório, por consistir em um trabalho para o desenvolvimento de maior intimidade sobre determinada problemática investigada (Brennan; Medeiros e Figueiredo, 2012), possibilitando maior delimitação sobre o tema com a formação de hipóteses ou novos caminhos a serem discutidos a partir do mesmo assunto.

1. AS INFÂNCIAS

A etimologia da palavra infância deriva do latim, chamado de *infantia*, com a junção dos termos *in* (relacionado a negação) e *fantia* atrelado à concepção de fala; logo, as crianças seriam caracterizadas como ausentes de fala, sujeitos sem capacidade de produzir sentido, sem

posicionamento que não eram levadas em consideração enquanto seres com autonomia epistêmica e ontológica (existencial). Com isso, não se quer dizer que estes sujeitos não tinham a capacidade de fala, mas que os adultos não tinham a capacidade de escuta, atrelados a uma ideia adultocêntrica de maturidade que descaracterizava as condições de ser e estar do público infantil, negando-os como sujeitos sociais (Tomaz, 2017).

Com as proposições levantadas por Philippe Ariès, com o seu trabalho intitulado por “A História Social da Criança e da Família”, compreende-se que o conceito de infância como conhecemos hoje enquanto um período essencial na formação humana nem sempre existiu, nem mesmo era levado em consideração. Observa-se que, na Idade Média, devido ao imoderado índice de mortalidade infantil e à inexistência divisória entre a infância e o mundo dos adultos, as crianças eram reputadas como mini adultos, suas especificidades e carências não levadas em consideração; conforme registros, o sentimento que guiava as relações entre pais e filhos era de paparicação. Isso pode ser aferido pela ausência na representação dos mesmos durante o período citado.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomaniana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e da nossa visão (Ariès, 1986, p. 50).

Ainda segundo o autor, a partir do século XV há o princípio de uma mudança gradual e tardia na figuração dos laços entre crianças e famílias. Essas alterações foram suscitadas principalmente pelo surgimento da escola, deixando assim a educação de ser inerente à classe eclesiástica. O ambiente escolar passa a ser o *locus* responsável por assegurar que esses sujeitos pudessem internalizar os códigos e signos basilares para a passagem da infância para a fase adulta. Contudo, um ponto essencial a ser ponderado é que a escola, enquanto instituição formal de ensino desde o seu surgimento, foi pensada de forma excludente, sendo destinada a apenas uma parcela da população, fazendo com que a desigualdade social entre as classes e a realidade vivenciada pelas crianças inseridas nesse contexto fosse um dos marcadores de comprovação sobre a heterogeneidade de experiências das infâncias.

As perspectivas acerca das crianças e da(s) infância(s) são ampliadas a partir do século XVII até o XX com a expansão da oferta e, conseqüentemente, universalização do acesso à escola,

além da participação cada vez mais vigorosa da igreja entre o século XVII e XVIII, com o advento da idade moderna, atuando sobre a constituição da imagem infantil como seres de pureza que se aproximavam de Deus e do reino do céu, o que por consequência atribui uma nova concepção de tratamento e olhar sob estes sujeitos, constituindo-se enquanto fenômeno intitulado por cristianização do medo (Gonsalves e Possebon, 2019), em que a igreja, através da sua notoriedade enquanto uma instituição de controle social, fundamentada e instituída por meio da religião e dos preceitos dogmáticos, influía diretamente nas relações estabelecidas na sociedade e na padronização das concepções acerca dos indivíduos e das famílias.

Com isso, a educação das crianças deixa de ser desenvolvida de maneira intrafamiliar, antes constituída sem a devida separação do mundo infantil e adulto, passando a ser guiada pelos ambientes educacionais, seja a igreja e a família nuclear, que tentavam “treinar” as crianças a resistirem às “tentações” existentes no mundo dos adultos (Ariès, 1986), contribuindo também para uma mudança de comportamento dos pais, com uma postura mais vigilante e preocupada com seus filhos. Essas mudanças corroboraram para que o local familiar, antes caracterizado por frieza e distanciamento desse lugar se deslocasse para um ambiente de afeto e cuidado, criando novas configurações do ser e estar criança, como podemos inferir através dos estudos de Ariès. Segundo o autor,

[...] as antigas formas de tratamento como Madame desapareceram, Martange tratava sua mulher por “Minha querida mamãe”, ou “Minha querida amiga”, “Minha querida criança”, “Minha querida menina”. O marido dava à mulher o mesmo nome pelo qual chamavam as crianças: mamãe. Suas cartas estão cheias de detalhes sobre as crianças, sua saúde e sua conduta. As crianças são designadas por diminutivos familiares: Minette e Coco. O uso mais difundido do diminutivo e do apelido correspondia a uma familiaridade maior, e sobretudo, a uma necessidade de as pessoas se chamarem de uma forma diferente dos estranhos, de sublinhar por uma espécie de linguagem iniciática, a solidariedade dos pais e dos filhos, e a distância que os separava de todos os demais (Ariès, 1986, p.267).

As diversas mudanças sociais apresentadas, imprimem o que Sarmiento (2004) vai chamar de “institucionalização da infância”, destacando a experiência da infância enquanto um momento marcado pela pluralidade existencial, sofrendo modificações a partir das mudanças sociais econômicas, políticas, bem como os avanços tecnológicos, ou seja, as formas de se viver em sociedade, contribuindo diretamente para a complexificação dos papéis sociais incumbido para esses sujeitos.

Atrelado às mudanças do modo como os adultos enxergam as crianças e as formas “corretas” de se viver esse período, dá-se início a uma outra concepção, trabalhada pelo mesmo autor (2004), chamada de “reinstucionalização da infância”. Dessa forma, nos momentos em que os papéis sociais são reorganizados por meio das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais atribuídas aos sujeitos infantis, as formas coerentes de viver essa a infância são mais uma vez reorganizadas, seguindo assim um ciclo em que “o ser e estar criança” não pode ser universalizado como uma fase em que todos os indivíduos vivenciam e desenvolvem-se da mesma forma.

Sarmiento e Pinto (2013) pontuam que a criação de uma epistemologia infantil não pode ignorar o fato de que o ser criança está relacionado a uma heterogeneidade de contatos com diversas realidades, inseridas nas mais distintas culturas que expressam diferentes sentidos e concepções existenciais, o que leva também a uma multiplicidade de representações sociais sobre esses indivíduos e as suas formas de vivenciar esse período, além de apontarem para a existência de uma colonização do mundo infantil por parte dos adultos, o que coaduna com as proposições já mencionadas de institucionalização da infância (Sarmiento e Pinto, 2013), isto é, a forma com que os adultos, a escola, as práticas familiares, a sociedade e os ambientes tecnológicos em que as crianças se inserem influenciariam diretamente no ser e o estar criança em distintos momentos, culturas e locais, traçando os compromissos sociais a serem cumpridos por este grupo.

A heterogeneidade no ser e estar criança numa sociedade pós-moderna, para os autores, estaria relacionado à pluralidade de condições sociais, etnias, gênero e cultura em que as crianças estão inseridas. Ou seja, a imersão em distintos contextos socioeconômico e culturais em conjunto com suas características individuais vão contribuir para múltiplas apresentações da institucionalização da infância, isto é, formas impostas aos corpos de como agir, viver e as possibilidades de construir os seus aspectos sociais e individuais (Sarmiento e Pinto, 2013).

Para Neil Postman (1999), o desenvolvimento tecnológico, principalmente nos meios de comunicação de massa, desde a criação do telégrafo até o desenvolvimento da televisão e internet decretaram o chamado “desaparecimento da infância”, em virtude de uma sociedade cada vez mais midiaticizada, que influi na formação identitária e comportamental das crianças, o que, segundo o mesmo, deu origem a um processo de homogeneização da informação, contribuindo para o desenvolvimento de outra ruptura na barreira construída para separar o mundo infantil do mundo

adulto. Logo, segundo o autor, a inserção desse público aos ambientes tecnológicos influenciaria diretamente na forma como vivenciam a infância e como constroem as suas subjetividades.

De acordo Mariangela Momo (2014), com o surgimento da sociedade pós-moderna, caracterizada pela ampliação do acesso a internet e o crescente desenvolvimento tecnológico, as crianças deixam de ter como principais instâncias formativas a escola, igreja e suas famílias, num momento também marcado por uma aceleração trabalhista, demarcada pela ampliação das jornadas de trabalho e uma vivência cada vez mais acelerada que contribui para o afastamento dos pais do seio familiar. Assim, a internet por ser caracterizada como um ambiente que disponibiliza qualquer informação em questões de segundos, sem filtros, sem proibições, sem barreiras, transfigura-se em um espaço informal de formação para os sujeitos infantis, fazendo com que a educação passe a ser realizada também nos espaços virtuais, sem a restrição dos ambientes formais de ensino, dando surgimento a termos como “nativos digitais” para as crianças que já são inseridas nesses ambientes desde o nascimento.

Além disso, autores como Kramer (2000) citado por Galdino (2017) também abordam as infâncias como um momento em que a constituição identitária passa a ser constituída pelos veículos de informação, mais especificamente das propagandas da televisão, dos filmes, animações, etc., assim como uma maior exposição à violência e agressividade nas mídias, em que muitas vezes os conteúdos apresentados são abertos a todas as idades, sem a utilização de filtros ou barreiras que possam distinguir quem são os seus telespectadores.

Assim sendo, para Neil Postman (1999), a infância não é um conceito biológico, mas um artefato puramente social construído nos últimos 400 anos da história da humanidade que, como veremos a seguir, também é atravessada por uma série de marcadores sociais, como a ideia de raça, segundo a qual as crianças, inseridas em uma lógica não ocidental, são oportunizadas a uma vivência distinta das infâncias e também na construção da sua identidade positiva.

1.1 As infâncias negras

Sobre experiências que a educação necessita problematizar junto às comunidades de aprendizado: pensar com as infâncias desde o território. Desde corpos-territórios que, expropriados de ser, recusam-se a desaparecer. Teimam em permanecer e em tensionar universalismos, universidades e as tramas cerzidas em solo urbano, explícitas ou por debaixo dos panos, dos sacos pretos que, de tempos em tempos, cobrem os corpos negros caídos no asfalto. Insistem também em afirmar o que, sendo invisibilizado, e silenciado e negado, não deixa de denunciar, com o corpo inteiro, o que está obscenamente explícito, denegado (Reis, 2024, p.70).

Não podemos abordar a história das infâncias negras sem levar em consideração como estes corpos são marcados por uma série de violações dos direitos fundamentais e das possibilidades de existência que estão assegurados através da legislação do país, como por exemplo a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990 (VILA NOVA, 2023). Se a cada 12 minutos morre um jovem negro no Brasil (Kruse, 2024), não podemos deixar de refletir sobre a infância daqueles negligenciados pelo Estado, pela mídia, pela sociedade, que mesmo em meio às dores e às tentativas de extermínio, como apontado por Reis (2024), resistem, e não se contentam em ser invisíveis.

Essas agressões ocorrem e são perpetuadas desde o início dos processos de colonização, contribuindo para a diferenciação nas formas de tratamento, desde os olhares cotidianos à constituição de políticas públicas e sociais, como por exemplo o ingresso e a permanência nos espaços educacionais e formativos para os corpos negros. Essa distinção é perceptível desde a ampliação da educação formal; nota-se, por exemplo, com a feitura dos Regulamentos da Instrução Pública durante o Brasil Império, na então Parahyba do Norte, mais especificamente o regulamento instituído no ano de 1849 (Pinheiro e Cury, 2004), que apresenta uma série de medidas como a obrigatoriedade das vacinas e os estudos para as populações abastadas, direcionando o ensino profissionalizante para as camadas pobres da população, atrelando a formação de mão de obra como uma forma de distinção dos corpos, enquanto aqueles são produtores de conhecimento e estes destinados ao trabalho braçal e à subserviência.

Mesmo com o passar de dois séculos do momento supracitado e com os avanços legislativos alcançados pela resistência e luta dos movimentos sociais, ressaltando a participação do movimento negro desde a década de 70 (Gomes, 2019), existe uma lacuna expressiva entre as pactuações normativas e as realidades experienciadas diariamente pelas crianças negras, especialmente quando analisamos suas vivências a partir de marcadores sociais de raça, gênero e classe que atuam como agravantes das agressões e da opressão enraizada aos seus corpos, contribuindo para um vislumbre do distanciamento e nas formas do ser e estar das crianças, quando relacionamos às desigualdades estruturais atreladas aquelas/es inseridos nas camadas dominantes e dominadas (Vila nova, 2023).

Além disso, por muito tempo houve um silenciamento em relação às violações raciais existentes no solo brasileiro, fundamentadas a partir da falsa ideia de harmonia ontológica entre as raças, levando a construção do chamado mito da democracia racial, que contribuiu e ainda atua em

prol da deslegitimação da realidade em que estamos inseridos enquanto pessoas negras; ressalto também os sofrimentos cotidianos impressos em nossos corpos invisibilizados, desde os primeiros passos até o último suspiro, passando frequentemente por inúmeros processos de desumanização, ou melhor, de coisificação, tornando ainda mais difícil o desenvolvimento das discussões em prol das infâncias negras e da formação identitária positiva desses sujeitos que, muitas vezes, desde as mais tenras idades, são condicionados a uma posição de não existência (Fanon, 2008). A multiplicidade de experiências das infâncias para os corpos negros também está inserida, muitas vezes, em uma lógica de perversidade atrelada à necessidade de inserção desses corpos infantis à exploração trabalhista, em ambientes marcados pela pobreza e fome. Como aponta Adeildo Vila Nova no trecho a seguir:

Quando se fala na educação das crianças negras no Brasil, é fundamental que consideremos os fatores históricos, sociais e econômicos aos quais as famílias negras e geralmente pobres estão inseridas. Uma criança que tem explorada sua força de trabalho, se é que podemos chamar assim, mesmo sendo ilegal a realização de trabalhos por crianças, ainda que seja para sua própria subsistência, em detrimento às condições de vida de uma criança branca, não terão as mesmas possibilidades de desenvolver suas habilidades plenamente. É sabido que muitas crianças pobres, em sua grande maioria negras, vão à escola exclusivamente para se alimentar, haja vista as condições de extrema pobreza as quais estão expostas (Vila Nova, 2023 p. 57).

Devido a todos esses atravessamentos que impõem diferenciações no ser e estar da criança e nas vivências das infâncias, não podemos, como expõe Nilma Lino Gomes (2023), no livro intitulado *Infâncias Negras: Vivências e lutas por uma vida justa*, considerar a infância enquanto uma categoria simplesmente biológica e natural. Ela passa a ser mais um movimento de discriminação contra os corpos, deixando de lado os territórios e as realidades em que estão inseridos os sujeitos infantis, desatrelando-os de suas condições e direitos sociais, retomando assim a concepção histórico-social de *infantia* (sujeitos passivos de condições de autogoverno e de sociabilidade). Logo, para pautarmos as infâncias negras é imprescindível ressaltar e refletir sobre as diferentes realidades em que estão inseridas as crianças e quais são as possibilidades de vivenciar as infâncias para os corpos que se distanciam dos padrões de humanidade impostos pela branquitude dominante.

Dessa forma, ao pautamos as infâncias negras, não podemos deixar de levar em consideração a diversidade das subjetividades das crianças, os contextos em que estão inseridos e como, a partir disso, vivenciam a infância; como a existência é condicionada, desde o nascimento, por estarem inseridas em um sistema racista composto por uma série de instrumentos políticos e sociais que condicionam e expurgam a sua existência e identidade, destruindo seus corpos, sonhos e projeções.

Assim sendo, surge a necessidade de uma atuação mais rigorosa dos ambientes formais e não-formais de ensino em prol do aquilombamento e da construção dos laços de pertença e autonomia, visto que a falta de representações positivas nos espaços sociais em que estão inseridos contribui para a negação de si e da compreensão das complexidades de ser uma pessoa negra. Portanto, analisar as mídias digitais e a propagação de visões caricatas sobre as populações marginalizadas é essencial para que possamos resistir ao enfraquecimento das visões de mundo e aspirações apresentadas pelas e para as crianças negras sobre si, sobre seus iguais e sobre as relações em que estão inseridos, pautando, assim, a necessidade de trabalharmos representações positivas a partir de desenhos animados, filmes, livros, etc.

Martins (1993, apud, *Gomes, 2023*), aponta uma série de diferenciações atrelada às crianças negras que iniciam desde o nascer, e que perduram durante o crescimento. Dessa forma, a condição social do ser e estar criança não pode ser tido como igual para todos, universalizada, visto estarem as infâncias negras subjugadas a constante proximidade com a morte, injustiças e pela perpetuação das violências e dos riscos sociais (Reis, 2024). Por isso, não podemos falar sobre infâncias sem levar em consideração as relações étnico-raciais que estão presentes e imbricadas na sociedade brasileira, evitando o esvaziamento das discussões com base em generalizações abstratas. Como apontam Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2010, p. 43):

A partir da Sociologia da Infância a criança não é entendida como uma criança essencial, universal e fora da história. A Sociologia da Infância vem problematizando a abordagem psicológica e biológica de compreensão da criança, pois recusa uma concepção uniforme da infância, visto que mesmo considerando os fatores de homogeneidade entre as crianças como um grupo com características etárias semelhantes, os fatores de heterogeneidade também devem ser considerados (classe social, gênero, etnia, raça, religião etc.), tendo em vista que os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças.

Ao falarmos das crianças, ainda existem uma série de estigmas que colocam esses sujeitos em posições de deslegitimação enquanto agentes epistêmicos. Gomes (2019) aponta que em muitos momentos os adultos não pensam nas crianças como seres capazes de estabelecer relação entre si, com seus pares, nas relações verticais (com adultos) e com o mundo que os cerca. Entretanto, é notório que estes, por meio das relações em que estão inseridos, formulam ideias, internalizam e reproduzem signos e comportamentos apresentados no contato com o meio que estão inseridos.

Dessa forma, a ausência ou representação caricata/estigmatizada leva muitas vezes à construção estereotipada em relação à negritude, influenciando para perpetuação do racismo e para a construção negativa da autoimagem das crianças pretas, o que torna essencial que possamos refletir

sobre as imagens e representações expostas sobre os negros nos mais diversos segmentos sociais e nas mídias digitais, visto que, principalmente nos espaços tidos como “lúdicos” de entretenimento, imagens apresentadas sobre os corpos criam percepções e geram identificações para as crianças, que são internalizadas e reproduzidas por esses sujeitos, construindo o imaginário infantil e influenciando em suas construções identitárias.

Gomes (2023), a partir da pesquisa de Godoy (1996), destaca como essas representações são internalizadas pelas crianças. No estudo apresentado pelo autor, revelando que as crianças negras participantes da investigação inseridas tem um recorte de idade entre 5 a 6 anos, ao realizarem uma descrição de si, destacaram as suas principais características estéticas e corporais em uma posição de desconforto, levando a compreensão de que externalizar as suas condições enquanto sujeitos negros (cor e características fenotípicas) não é algo positivo para esses sujeitos. Assim sendo, nota-se que as crianças constroem, a partir dos contatos com imagens e signos negativos sobre a população negra, uma imagem negativa de si, inviabilizando a construção identitária positiva, devido à interação com estereótipos e preconceitos atrelados aos seus corpos.

Por isso, pretende-se mais à frente no presente trabalho analisar a presença dos personagens negros, identificando os papéis que desempenham, assim como a linguagem empregada no desenho animado, na intenção, não de encontrar uma verdade absoluta que exponha o racismo na obra analisada, mas, como abordam Nogueira e Alves (2019), de construir uma possibilidade de leitura do artefato cultural escolhido como objeto de pesquisa, não considerando o desenho animado em apenas um viés imagético, mas levando em consideração o audiovisual como um saber inserido dentro de uma experiência que engloba imagem, linguagem e outros recursos audiovisuais (Nogueira e Alves, 2019).

Propor a reflexão perante as mídias digitais, mais especificamente sobre os desenhos animados inseridos nos mais diversos campos tecnológicos (televisão, celulares, computadores, etc.), surge como tentativa de colocar em pauta a influência das relações étnico-raciais na construção do imaginário infantil, para pensarmos na importância que possui a representatividade negra como um instrumento de luta e resistência contra a coisificação dos corpos negros, mais especificamente com foco nas infâncias negras, possibilitando que as crianças negras, inseridas em uma lógica de negação e invisibilização, possam ter a possibilidade e o direito de ser quem são, sendo a representatividade um ponto fundamental para que isso aconteça. Como expõe Rodrigues, Wermelinger e Leite:

Por último, no tema "Diversidade racial na publicidade e representatividade" estão reunidas as matérias que enfatizam, a partir de exemplos, como campanhas publicitárias, séries, filmes e materiais audiovisuais são espaços centrais de atuação e mudança num regime de representação e que pode atuar no fortalecimento e impulsionar crianças negras a se verem representadas de forma positiva. Neste tema, mas mesmo na primeira década analisada, há entrevistas realizadas com personalidades negras e negros que concedem entrevistas abordando suas experiências pessoais, sobre o racismo no Brasil e outros contextos, sobre a importância da discussão sobre representatividade, são recorrentes as participações de Thiaguinho, Thais Araújo, Lázaro Ramos, Lewis Hamilton e Angela Davis (quando de sua vinda ao Brasil (Rodrigues, Wermelinger e Leite, 2024, p. 297).

O capítulo seguinte será destinado ao desenvolvimento do conceito de mídias digitais, destrinchando sua significação, os instrumentos que a englobam e como influenciam no comportamento das crianças durante a infância, por ser um período fundamental para o desenvolvimento identitário, englobando de mesmo modo a necessidade e importância da representação negra nos espaços virtuais e tecnológicos.

2. MÍDIAS DIGITAIS

Diante da diversidade de terminologias utilizadas pelos autores ao se referirem aos ambientes e veículos tecnológicos, optou-se, no presente trabalho, pela escolha do termo *mídias digitais*. A expressão será empregada como forma de alusão aos apetrechos, formas e/ou métodos direcionados à comunicação a partir dos sinais digitais, ou seja, equipamentos como internet, computadores, televisões, redes sociais, videogames, livros digitais, telefones, tablets, etc., além da sua relação com a sociedade, (Grossi, Leal e Silva, 2021; Apa, 2019, *apud* Almeida, 2021).

Bronfenbrenner e Ceci (1994) expõem que múltiplos fatores afetam o desenvolvimento humano. Em relação ao desenvolvimento infantil, colocam as crianças como agentes participantes

do seu próprio desenvolvimento a partir das interações estabelecidas com o meio, influenciando e sendo influenciadas por ele. Desse modo, compreende-se as mídias digitais como ambientes que vem sendo cada vez mais construídos e vivenciados por crianças de todas as faixas etárias, entrando cada vez mais cedo em contato com as mais diversas tecnologias que carregam consigo através de programas, filmes, documentários, desenhos animados, entre outros artefatos, carregados de concepções e representações sobre pessoas, vida, sociedade, dentre outros assuntos.

Essas mensagens, ao serem recebidas pelas crianças, são em primeiro momento captadas, internalizadas e, em seguida, ao entrarem em contato com as subjetividades e compreensões das crianças são ressignificadas e reproduzidas. Assim, faremos referência aos sujeitos infantis que possuem contato com as mídias digitais desde os primeiros anos de vida como nativos digitais, termo empregado por uma multiplicidade de autores como Grossi, Leal e Silva (2021) e Lazzari (2023).

A ideia da influência que possui a mídia na formação do imaginário e, conseqüentemente, na formação identitária das crianças é reforçada por autoras como Lazzari (2023), ao discutir que esses ambientes propagam até mesmo pelos desenhos infantis, condutas morais “corretas” do ser e estar criança, imprimindo normalizações de pensamento e ações, contribuindo a contraponto para estigmatizar os comportamentos, epistemologias e formas de ser desviantes que não são enquadradas nesse estreito padrão de regularidade propagado pela elite social.

Claro que não podemos deixar de lado os desenhos enquanto um artefato cultural de potencialidade para o desenvolvimento infantil, ao passo em que pode ser também um caminho lúdico e divertido da ampliação da autopercepção, desenvolvimento da autoestima, do senso de comunidade e da construção identitária positiva a partir da interação com um leque de representatividades que causem identificação e passem a ser valorizadas pelas crianças. Em todo caso, estudos de autores como Elías Arab e Alejandra Díaz (2014) demonstram possíveis alterações comportamentais para crianças e adolescentes imersos nos ambientes tecnológicos, desenvolvendo assim a chamada pelos autores “*cibberadicción*”, sendo este fenômeno utilizado para referir-se às mudanças comportamentais que sofrem as crianças ao frequente contato com ambientes digitais:

Algunos indicadores de ciberadicción son: s El tiempo de uso ha ido en aumento s El rendimiento académico ha disminuido notablemente porque dedica demasiado tiempo a estar conectado s Manifiesta una gran irritabilidad cuando alguien l@ interrumpe s Se ve ansios@, nervios@, deprimid@ o aburrid@ cuando no está conectad@ a internet s Deja de reunirse con sus amig@s por estar frente a la pantalla s Se queda hasta muy tarde en la

noche navegando, chateando, entre otros s Está pendiente a cada momento de sus mensajes y mira en forma obsesiva el doble check del WhatsApp s Revisa constantemente su teléfono celular para ver si ha llegado un mensaje y presenta vibraciones fantasmas s Habitualmente lo primero y lo último que hace al despertar y al dormir, es revisar el teléfono (Arab e Díaz, p.4-5, 2014).

Não pretende-se aqui fazer um julgamento de valores em relação à utilização ou não dos veículos midiáticos e dos ambientes digitais. A principal questão é destacar o papel do desenvolvimento tecnológico, principalmente das mídias digitais, na construção identitária das crianças e também nas relações do ser e estar nas infâncias, tanto no sentido macro político como nos contatos particulares, influenciando diretamente na alteração dos seus papéis sociais e nas visões que apresentam sobre si e sobre os outros, ao passo que esses instrumentos de comunicação conseguem atuar tanto de maneira externa aos ambientes familiares como estão de mesmo modo inseridos nos seios familiares em suas atividades cotidianas (Hjarvard, 2015).

Assim sendo, não podemos reproduzir a concepção das crianças como sujeitos ingênuos que não produzem sentidos, já que a recepção dos signos não ocorre de maneira passiva nos contatos que estabelecem com a linguagem dos desenhos animados (Lazzari, 2023), fazendo com que, a partir da identificação, as crianças construam princípios e padrões sociais, construindo suas próprias percepções sobre as relações sociais que as circundam a partir da internalização desses conteúdos.

A televisão, o cinema e o vídeo - os meios de comunicação audiovisuais - desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros (Moran; Masetto, 2000, p. 1, Apud Lazzari, 2023, p.20).

Compreendendo o desmedido crescimento tecnológico e o contato cada vez mais frequente das crianças com esses espaços, como aponta a pesquisa desenvolvida pela a Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM), a porcentagem de crianças entre 9 e 17 inseridas nos ambientes tecnológicos no ano de 2022 foi de 92% (Pimenta, 2023). Logo, esses ambientes influenciam cada vez mais nos processos de aprendizagem desses sujeitos, atuando como espaços informais de educação e formação, individual e coletiva, possuindo ainda mais controle por ser um ambiente caracterizado como leve, divertido, lúdico, educando, na medida em que, *pari passu*, satisfaz (Lazzari, 2023).

Além disso, os apetrechos digitais atuam de modo a estabelecerem comunicação com o sensível, interagindo com as subjetividades daqueles que estão em contato com essas mídias; isso

acontece através de uma lógica de imediatismo em que as imagens em movimento não possibilitam que os olhos possam captar naquele momento concreto toda a informação que está sendo levada até o telespectador. Dessa forma, os signos “conversam” com as emoções do público, que impressionam ou tocam de alguma forma na multiplicidade de sentidos desses sujeitos. Nesse sentido, os conteúdos são assimilados e dão sentido a todo o raciocínio construído no momento de contato com aquelas imagens/linguagem apresentadas pelos desenhos (Lazzari, 2023). Segundo o autor,

A organização da narrativa televisiva baseia-se numa lógica mais intuitiva, mais conectiva, portanto não é uma lógica convencional, de causa-efeito. A televisão estabelece uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar: “se uma imagem impressiona então é verdadeira”. Também é muito comum a lógica de generalizar a partir de uma situação concreta, do individual, tendemos ao geral. Ex: dois escândalos na família real inglesa e se tira conclusões sobre a ética da realeza como um todo. Uma situação isolada converte-se em uma situação padrão (Lazzari, 2023, p. 5).

Assim sendo, com o entendimento de que as mídias digitais exploram o sensível e conversam mais com a emoção do que com a razão dos telespectadores através da visualidade/linguagem, criam percepções de normalidade e anormalidade, gerando identificações que são solidificadas e reproduzidas pelas crianças, influenciando diretamente em suas construções identitárias e na construção do imaginário infantil (Lazzari, 2023). Ao levarmos em consideração o número expressivo de crianças em contato com as mídias digitais, principalmente em um contexto pós-pandêmico com influência significativa nos dados apresentados anteriormente, na relação entre crianças cada vez mais novas e os ambientes digitais, infere-se que esses sujeitos entram em contato com os mais diversos tipos de conteúdo, que, como apresentado por Pimenta (2023), tem influência significativa no desenvolvimento cognitivo e comportamental desse público.

Desse modo, verifica-se a notoriedade de refletirmos sobre os conteúdos com que essas crianças estão em contato. Para isso, utilizaremos do artefato cultural dos desenhos animados, com a escolha do seriado chamado por “Irmão do Jorel”. Antes, porém, será estabelecido uma discussão dos desenhos animados enquanto artefato cultural escolhido como objeto de estudo do trabalho.

2.2 DESENHOS ANIMADOS

O conceito de desenhos animados, enquanto uma produção audiovisual como conhecemos, deriva de uma série de desenvolvimentos nos campos das ciências e das artes, com

base em Alberto Junior e suas contribuições a partir de sua obra intitulada por “A Arte da Animação: Técnica e Estética Através da História (2019). Assim, a palavra *animação* tem uma derivação do latim, com significado de “dar vida a”. Nesse caso, a palavra passou a ser utilizada com a intenção de caracterizar as imagens em movimento utilizadas no princípio dos desenhos. Ainda segundo o mesmo autor, o movimento é a chave para compreendermos o desenho animado, visto ser essa a chave para a dedicação dos pintores e desenhistas desde a antiguidade na intenção de retratar as mais distintas realidades em que estavam inseridos.

Entretanto, mesmo com o desejo de reprodução da realidade através dos desenhos sendo algo comum e antigo, para que o desenho começasse a tomar forma foi necessário a ampliação dos aparatos tecnológicos que dispunham os cientistas e artistas da antiguidade. Sendo assim, foi com o surgimento da ciência moderna, que acontece após o período renascentista, que muitas dessas invenções surgem e tornam-se essenciais para que o desenho pudesse existir, como a lanterna mágica inventada por Athanasius Kircher na primeira metade do século XVII, que projetava imagens na parede, permitindo a apresentação de determinada história para o público; isso era realizado com a utilização de lâminas de vidro inseridas em uma caixa com uma fonte de luz e espelho. Contudo, a sua invenção trouxe consigo um certo assombro devido ao dogmatismo religioso da sociedade em que estava inserido, sendo acusado até mesmo de bruxaria, o que não impediu que outros cientistas pudessem explorar o potencial de suas invenções (Junior, 2019).

Já no século XVIII, com base nas invenções anteriores de Kircher, outro cientista holandês de nome Pieter van Musschenbroek utilizou-se de discos giratórios, com base na técnica das lâminas utilizadas por Kircher. Contudo, dessa vez empregou uma sequência de imagens, dando assim a impressão de movimento. Na primeira metade do século XVIII, Pieter utilizou imagens do dia a dia para demonstrar sua invenção, como, por exemplo, explorando as movimentações das pás de um moinho de vento, uma pessoa retirando seu chapéu, alguém se curvando, etc. e posteriormente ampliou o desenvolvimento de sua máquina com a inserção de mais lanternas, possibilitando assim uma exposição de imagens em movimento mais elaborada, levando dessa forma a exibição da primeira animação (Junior, 2019).

Entretanto, até esse momento a animação ainda não era explorada em sua totalidade, o que veio acontecer apenas no final do século XVIII, com Etienne Gaspard Robert, que explorou a lanterna mágica como uma ferramenta artística de entretenimento popular com o sua apresentação chamada de “Fantasmagorie” (Junior, 2019), um movimento filmico voltado o gênero do terror que cativava o público a trabalhar a ideia do sobrenatural, utilizando da ambientação com uma sala

escura e a utilização de adereços macabros como uma forma de potencializar os efeitos da lanterna mágica. O sucesso do espetáculo de Robertson (nome artístico escolhido pela figura) atingiu tamanha notoriedade, que ganhou espaço nos cartazes durante anos a fio, além de que haviam relatos de que a relevância do feito era tão comentada nos ambientes que algumas crianças tomavam o dinheiro dos seus pais e fugiam no intuito de assistir as apresentações (Junior, 2019). Tal fato nos leva a um vislumbre inicial do fascínio das crianças em relação a essas figuras em movimento e a relação de curiosidade com os temas sobre a vida, nesse caso o sobrenatural, ressaltando a influência dos desenhos animados sobre o imaginário das crianças.

Mais à frente na história, na segunda metade do século XIX, o pintor Emile Reynaud desenvolve uma outra invenção chamada de praxinoscópio, que tinha como referência o zootroscópio, sendo este um tambor giratório com aberturas em suas circunferências que utilizava tiras de papel para que durante o movimento de giro, quando um telespectador colocasse seus olhos pelas frestas, desse a sensação de movimento às imagens. Já o praxinoscópio utilizava um tambor com espelhos que refletiam partes de desenhos colocadas em suas circunferências causando uma cintilação nessas imagens. Não obstante, com o intuito de aprimorar o desenvolvimento de sua criação, Robertson decidiu começar a desenhar histórias animadas e uniu o seu feito às lanternas mágicas, fazendo com que surgisse o teatro do praxinoscópio (Junior, 2019).

Surge então a figura de Thomas Alva Edison, empresário invencionista que ficou marcado por seus inúmeros desenvolvimentos científicos. Um deles aconteceu em 1891, o chamado kinetoscópio, um dispositivo formado por um visor com lentes composto também em seu interior por filmes com perfurações nas suas laterais. A invenção funcionava da seguinte forma: os filmes eram vistos com o auxílio das lentes que passavam em frente a uma lâmpada elétrica, entre esses dois pontos havia um obturador em movimento com pequenas aberturas, possibilitando a passagem de luz responsável por iluminar os filmes, possibilitando assim a exibição que durava cerca de 25 segundos em ciclos que se repetiam, comportava a observação de uma pessoa por vez (Junior, 2019).

Contudo, a projeção filmica de fato vem a acontecer 4 anos após o feito de Edison, em 1895, quando os irmãos Lumière apresentam o seu cinematógrafo, um invento que parte do aprimoramento ao kinetoscópio, diferente da máquina de Edison. A invenção dos irmãos Lumière permitia não só apenas a projeção como também possibilitou a filmagem, sendo uma descoberta que causa um fascínio sobre a sociedade naquele momento, permitindo assim, o acontecimento da primeira exibição de fotografias animadas através da apresentação de filmes curtos sem intenções

artísticas que retratavam o dia a dia, a realidade nas fábricas de produção, a movimentação de pessoas em uma estação de trem, etc. (Junior, 2019).

Entretanto, o primeiro desenho animado chamado de Humorous Phases of Funny Faces seria apresentado apenas 11 anos depois, em solo americano com o ilustrador e artista plástico inglês chamado de James Stuart Blackton, que em conjunto com Thomas Edison entra em contato com o cinema, trabalhando a partir de miniaturas animadas com a utilização de efeitos especiais baseados nas invenções anteriores adicionado à sua técnica de “Lightning Sketches”, que como tradução literal seria “Esboços relâmpagos”; utilizando do efeito de pausa nas filmagens para modificar o curso da ação, o artista desenhava as animações em uma prancheta ligada a um cavalete, fazendo com que os objetos desenhados tivessem a impressão de movimento com a técnica frame a frame.

A origem da animação enquanto expressão da arte passa a ser mais enfatizada com a o artista plástico e ilustrador francês, Emile Cohl, ao saber que as suas produções (desenhos em tira) estavam sendo utilizadas como base para filmes, decidindo assim, ir atrás dos direitos de suas produções. Contudo, ao estabelecer contato, é convidado pela produtora para que pudesse adaptar as suas histórias e produzir os seus próprios filmes. Assim, seu primeiro filme animado tinha 2 minutos e era feito a partir do desenho utilizando tinta nanquim, além disso, diferente dos outros artistas, Cohl simplificou os traços de suas obras como suporte para agilizar a execução dos desenhos; do mesmo modo, em seu laboratório fazia a reversão das impressões (desenhos) no intuito de preservar no filme o efeito das linhas brancas sobre o fundo negro, além disso, para evitar a perda dos traços em suas obras, gerando, conseqüentemente, movimentos repentinos, utilizava uma caixa de luz, possibilitando a sobreposição dos impressos, apresentando desenhos mais bem definidos (Junior, 2019).

Com a utilização dessa técnica, Cohl percebe também que poderia fotografar duas vezes cada um dos seus desenhos sem levar a perda na continuidade dos movimentos apresentados, fazendo com que o número de desenhos para cada segundo de filme fosse diminuído pela metade, contribuindo também para o alcance da apresentação de suas animações com uma fluidez única, além de ultrapassar a bidimensionalidade das figuras, possibilitando a exploração da tridimensionalidade das imagens (Junior, 2019). Essa inovação possibilitou o desenvolvimento de estratégias para a exploração artística das animações no seu caráter expressivo, desenvolvendo cada vez mais a relação entre o desenvolvimento de ideias/mensagens por meio dessas produções, não se

limitando apenas ao caráter expositivo, fazendo com que surgisse verdadeiramente a arte da animação como conhecemos nos dias atuais.

O desenvolvimento do desenho animado enquanto expressão artística com base nos preceitos trabalhados por Emile Cohl será continuada a partir do cartunista e animador de desenhos americano chamado por Winsor McCay, criando um filme intitulado por *How a Mosquito Operates* (Como opera um mosquito), tomando um novo rumo ao não mais contar a história de personagens já bem consolidados socialmente em vista a época, optando por trabalhar sua história para além da movimentação e das técnicas, dando foco a narrativa, a mensagem a ser passada.

Logo, o diferencial na obra de McCay passa a ser o desenvolvimento da individualidade do protagonista da história, como uma forma de causar identificação com o público. Para isso, tem uma ideia um tanto quanto ousada ao retratar a história de um mosquito e suas aventuras em busca de alimento, apresentando assim uma criatura não humana, de forma exagerada em termos de detalhes animais com a utilização de um chapéu que traz um aspecto caricato. McCay impõe em sua obra uma visão completamente humanizada sobre o personagem, na intenção de promover uma reflexão sobre a condição humana, a partir da retirada do mosquito enquanto um animal sanguinário, para um personagem que apresentava uma série de características humanas, demonstrando fraquezas, medos, inseguranças e outras emoções, causando assim uma identificação com o público. Assim, a ideia de construção da personalidade do personagem da obra por parte de McCay promove a abertura de uma janela para o surgimento da indústria dos desenhos animados. (Junior, 2019).

O desenvolvimento da personalidade e das emoções dos personagens proposto inicialmente por McCay promoveu uma aproximação cada vez maior dos desenhos animados como conhecemos hoje. Essa característica de apelação ao público sobre uma determinada condição humana é, segundo Larissa Bezerra (2012), o aspecto essencial para entendermos a influência das animações sobre a construção identitária das crianças; o momento em que desenvolvem certa empatia por determinado personagens gera nas crianças uma identificação, fazendo com que queiram ser parecidos ou iguais a eles, absorvendo os signos presentes nas obras e externalizando nas suas relações cotidianas através da fala, comportamento, etc.

Com o advento da indústria animada, surgem diversas empresas que ganham notoriedade e que recebem destaque pela forma de produção em massa baseada na utilização de componentes sociais como bases estruturantes para suas produções, a exemplo da empresa criada pelo produtor cinematográfico e cineasta Walt Disney, conhecida até os dias atuais pelas suas

inúmeras obras e filmes. Através da exploração de elementos sociais, a empresa consegue não apenas obter o encanto do público infantil com os contos de fadas e os seus outros personagens como o Mickey, trazendo sempre lições morais e características humanizadas na intenção de captar a empatia dos telespectadores, mas gera também um produto comercial, fazendo com que os desenhos animados passem a alcançar locais que antes não eram explorados, como a própria comercialização desses personagens, chegando assim a indústria animada como conhecemos nos dias atuais (Bezerra, 2012).

Assim sendo, observa-se o longo caminho que tiveram de percorrer os inúmeros cientistas através de suas múltiplas invenções, além da interlocução entre os campos científicos e artísticos para que os desenhos animados pudessem ganhar formas para além da exposição puramente científica, obtendo caráter narrativo atrelado ao expressar dos artistas que ousaram adentrar seus domínios, explorando diversas formas de comunicação com o público, desenvolvendo a construção das subjetividades dos personagens que compunham essas histórias, causando identificação com os telespectadores e a consequente abertura do mundo animado para a industrialização e comercialização em massa. Com isso, a partir de Giroux ao ser citado por Larissa Bezerra, vemos que por meio da identificação com os personagens, as crianças, mesmo que de maneira inconsciente, internalizam signos sociais que estão imersos em posicionamentos ideológicos que pressupõem normas morais de como ser ou estar enquanto indivíduo, ditando as concepções de normalidade nas relações interpessoais. Para o autor, o desenho animado:

[...] opera em vários registros, mas um dos mais persuasivos é o papel que eles desempenham como as novas “máquinas de ensino”, como produtores de cultura. [...] esses filmes parecem ao mesmo tempo inspirar a autoridade e a legitimidade culturais para ensinar papéis, valores e ideais específicos, tanto quanto o fazem os locais mais tradicionais de ensino, como as escolas públicas, instituições religiosas e a família. (Giroux, 2004, p. 89 *apud* Bezerra, 2012, p.6).

Segundo Moran (1991), citado por Bezerra (2012), os meios de comunicação têm em seu início a necessidade de promover julgamento de valores, a difusão das concepções de certo e errado, demonstrando a importância dos telespectadores de seguirem os valores sociais considerados como corretos. Dessa forma, os desenhos como ambientes educacionais não podem ser apenas criticados, essa não é a intenção do trabalho, mas sim, levantar a importância de refletir sobre a influência que possuem na construção do imaginário infantil, destrinchando o conteúdo dessas animações consumidas por esses indivíduos, considerando as representações sociais que estão sendo passadas por eles.

Nessa perspectiva, busca-se combater a propagação de estigmas sociais que continuam sendo atrelados a uma diversidade étnico-racial, por meio da qual, muitas vezes, os personagens que não estão inseridos num padrão de normalidade branca eurocêntrica aparecem de forma caricata/estigmatizada, numa representação do negro como selvagem/violento, do indígena como primitivo/bárbaro, representações xenofóbicas de povos asiáticos, levando assim a essencialidade de pautarmos o que é assistido e quais são as temáticas abordadas pelos desenhos animados assistidos pelas crianças, principalmente em um momento caracterizado pelas longas jornadas de trabalho da atualidade e da ampliação do contato das crianças com as tecnologias. Como aponta Bezerra,

[...] o que se observa nos dias de hoje é que o papel de orientar e educar as crianças, que antes era de responsabilidade dos pais e da escola, está perdendo espaço para as mídias. Devido à rotina criada na sociedade atual, os pais, muitas vezes são obrigados a deixar seus filhos “à mercê” dos meios de comunicação. As crianças crescem em contato direto com esses meios e necessitam aprender a ler, compreender e criticar o que apreendem nessa relação inevitável. Hoje, uma criança de quatro anos que ainda não sabe ler, já consegue acessar sites e navegar na internet buscando assuntos do seu próprio interesse, como desenhos e jogos (Bezerra, 2012, p.1).

Entretanto, faz-se necessário também levar em conta a potencialidade que possuem os desenhos animados enquanto artefato cultural formativo, com inúmeras possibilidades para a formação durante a infância, visto que a criança, enquanto ser social, necessita de fontes de inspiração. Como aponta Bruno Bettelheim (1980), essas histórias atuam como ambientes formativos que auxiliam no desenvolvimento dos conflitos internos em que as crianças estão inseridas durante o seu desenvolvimento, além de, como retratado por Bezerra (2012), para que as crianças possam desenvolver a autoimagem positiva, elas precisam em momento anterior estarem imersas em outras individualidades que serão construídas a partir da relação com o outro e com o meio; nesse caso, os outros ambientes formativos, como os meios de comunicação e mais especificamente os desenhos animados, precisam ser analisados de forma crítica e reflexiva em relação aos conteúdos consumidos pelas crianças e quais são as concepções de sociedade e das relações interpessoais que são apresentadas nessas obras animadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenho animado intitulado “Irmão do Jorel” é um programa brasileiro criado e desenvolvido por Juliano Enrico, com a coprodução da Copa Studio, um estúdio de animação brasileiro, e também pelo canal americano mundialmente conhecido como *Cartoon Network*, que teve a sua estreia no setembro de 2024 e conta com 5 temporadas. O enredo aborda a história de uma família composta pelo “Seu Edson” (o pai do protagonista), Dona Danuza (a mãe), as avós Gigi & Juju, e os irmãos Jorel, Nico e o Irmão do Jorel (personagem principal). O pai da família dedica-se ao teatro e a mãe é professora de dança (ballet). Eles possuem um estilo de vida voltado para esportes radicais, sempre levando seus filhos a desenvolverem as mesmas paixões, logo, desde pequenos, são inseridos no mundo das peripécias, e dessa forma os personagens vão se desenvolvendo ao longo da obra.

A obra expõe uma multiplicidade de assuntos que são abordadas ao longo dos episódios, não possuindo necessariamente ligação uns com os outros, trazendo consigo através das narrativas uma série de experiências comuns que são vivenciadas na sociedade brasileira, trabalhando as rotinas de escola e como acontecem as interações das crianças uma com as outras, o ambiente em sala de aula junto com os professores e também como se constituem os contatos mantidos por relações verticais (com os mais velhos) a partir da representação da diretora da instituição como uma mulher brava que está sempre tentando controlar as crianças nas brincadeiras e nas aventuras que tentam vivenciar.

A série apresenta, em diversos episódios, algumas críticas sociais de forma mais leve e não tão explícita, trabalhando assuntos como desgaste ambiental, as influências antrópicas (poluição dos rios, mares, influência humana na natureza), a apropriação epistêmica criticando algumas relações desiguais advindas das diferenças socioeconômicas, exibindo a diferenças de vidas entre aqueles que estão em classes mais abastadas para as famílias de classe média, expondo diversas representações sobre as realidade suburbanas e os desafios provenientes da desigualdade social. Um desses capítulos reflete sobre a visão da sociedade e a postura repressiva sobre os movimentos de expressão cultural negra do hip hop, mais especificamente do rap, em que os policiais, representados na série por palhaços ao ver as crianças fazendo rima atrelam essa postura a imoralidade, fundamentados por estigmas e preconceitos que relacionam o rap à criminalidade.

O foco do seriado recai sobre o filho mais novo da família, um garoto branco de cabelo crespo/cacheado de 7 anos que não tem o nome revelado, sendo reconhecido por ser o irmão do

Jorel, um menino famoso por ser excepcionalmente bom em tudo aquilo a que se propõe, sendo reconhecido e amado por todos os personagens da série. Entretanto, mesmo possuindo extrema notoriedade por todos os personagens, não tem muitas falas nem participação no enredo, aparecendo sempre em frames sendo endeusado por aqueles ao redor, ficando o foco sobre o seu irmão mais novo, em momento de formação das suas concepções de mundo e também por ser as infâncias representadas como um momento de extrema curiosidade em que as crianças querem explorar tudo ao seu redor através das aventuras.

A partir disso, o irmão do Jorel, em conjunto com seus familiares, e principalmente sua amiga Lara e Ana Catarina, a garota que ele gosta (duas das personagens que mais aparecem nos episódios, fora os familiares), vivem diversas situações inusitadas que levam à construção dos personagens e em alguns momentos a questionamentos morais.

A série apresenta, em diversos episódios, algumas críticas sociais de forma mais leve e não tão explícita, trabalhando assuntos como roubo epistêmico, desgaste ambiental, as influências antrópicas (poluição dos rios, mares, influência humana na natureza) e também os estigmas presentes em expressões culturais negras, como o rap enquanto um movimento retratado em muitos momentos como coisa de bandido como abordaremos a partir da descrição de um dos episódios específicos.

Assim sendo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa foram assistidos um total de 31 episódios, todos da primeira temporada (26 no total), e os demais, distribuídos pelas demais temporadas da série em investigação.

A seguir, apresento um quadro dos episódios observados, destacando os títulos e as temporadas referentes.

EPISÓDIOS ASSISTIDOS DO IRMÃO DO JOREL		
CAPÍTULO	NOME	TEMPORADA
1	Capacete Mega Master	1 ^a
2	Gangorras da Revolução	1 ^a
3	Clube da Luta Livre	1 ^a
4	Não Tenha Medo do Seu Medo	1 ^a
5	Jornal do Quintal	1 ^a
6	O Mistério dos Bilhetinhos Ultrasseguros	1 ^a

7	A Perigosa Lambada Brutal	1 ^a
8	A História Sem Começo Meio e Fim	1 ^a
9	Rosto da Expressividade Máxima	1 ^a
10	Ataque Dos Piolhos Mutantes	1 ^a
11	Natureza Totalmente Selvagem	1 ^a
12	Jornada Matinal Implacável	1 ^a
13	Aterrorizante Vida Adulta	1 ^a
14	Caneta de 250 Cores	1 ^a
15	Profissão Palhaço	1 ^a
16	Embarque Nessa Onda	1 ^a
17	Uma Odisseia no Espaço Recreativo	1 ^a
18	Gincana Mortal	1 ^a
19	Ilha Doidera	1 ^a
20	Fúria e Poder Sobre Rodas	1 ^a
21	Os Incríveis Lateenagers	1 ^a
22	Os Caçadores da Figurinha Perdida	1 ^a
23	O Pequeno Mestre Do Gigitsu	1 ^a
24	A Lenda da Mulher De Algodão	1 ^a
25	Família À Deriva	1 ^a
26	Meu Segundo Amor	1 ^a
1	Carlos Felino, Conselheiro Amoroso	2 ^a
10	Mc Juju	2 ^a
1	Irmãozinho Do Jorel	3 ^a
1	Em Busca Do Edson Perdido	4 ^a
1	Jurassic Pet	5 ^a

Em seguida, apresento uma outra tabela, dessa vez fazendo referência aos personagens pretos que foram identificados e que mais aparecem durante os capítulos apreciados durante a pesquisa. Essa primeira etapa de mapeamento foi pensada na intenção de apresentar as características dos personagens que foram observadas durante a exploração do desenho animado, para utilizá-la como um instrumento de análise mais adiante.

PERSONAGENS NEGROS EM IRMÃO DO JOREL	
NOME	Descrição
Marquinho Ririzon	Criança Negra com a menor estatura da classe, usa seu cabelo no estilo flap top em tamanho grande (tipo de cabelo afro com formato quadrado para cima), tem olhos grandes, usa jaquetas cinzas e botas azuis.
Irmão do Marquinho	Homem negro, careca com características caricatas de jogador de basquete, pernas, braços, pescoço e tamanho desproporcionais aos outros personagens, usa regata de basquete, meões e testeira na cabeça (espécie de bandana utilizada por atletas)
Professora Adelaide	Mulher negra de cabelo liso em tamanho curto na altura do pescoço, utiliza óculos roxos. É a professora responsável pela turma do irmão do Jorel e seus amigos.
Seu Adelino	Homem negro de cabelo crespo, tem bigodes finos e repartidos no meio (com espaço entre um para o outro, como o compositor Cartola), usa sempre regatas com shorts e óculos
Syd Vinicius	Criança Negra, também da turma do irmão do Jorel, possui cabelo espetado, olhos vermelhos, sempre com camisas regatas brancas, shorts verdes e tênis preto, é uma das representações dos valentões da escola, também tem uma imagem um tanto quanto caricata com dimensões desproporcionais
Blauker	Tem como característica a pele negra, cabelo com tranças estilo twist em tamanho pequeno (tipo de trança afro que são feitas a partir da torção e cruzamento das mechas do cabelo), possui olhos grandes, usa camisa marrom e

	calças amarelas.
Jack Thompson	Homem negro, musculoso de alta estatura, utiliza cabelo moicano fino e curto no topo da cabeça, além de ter como característica seus grandes bigodes, utiliza casacos azuis com uma camisa amarela, calças marrons e tênis preto. O personagem é o melhor amigo do Steve Magal, ídolo do irmão do Jorel por ser um ator que aparece em praticamente todos os comerciais e programas da TV.
Mc Outro Cara	Homem negro musculoso, careca, usa bandana amarela com manchas pretas na cabeça, utiliza regatas brancas. É um MC parceiro de Kassius Kleyton, e sempre dobra a última palavra que o seu amigo fala durante as rimas.
Kassius Kleyton	Homem negro, tem o seu cabelo em formato de cone/espetado apontado para cima, utiliza barba grande, olhos com lente azulada e bordas amarelas, sempre de casaco cinza com listra amarela na parte inferior, calça azul e basqueteira vermelha, com amarelo e base branca. O nome do personagem é uma referência ao boxeador Muhammad Ali e sempre faz suas batalhas em um ringue de boxe, além disso as características do seu rosto são muito similares as do rapper brasileiro Emicida, que é o seu dublador.

O primeiro capítulo do desenho, intitulado por “Capacete Mega Master” nos possibilita ter uma boa impressão de que a obra animada circularia por uma diversidade temática ampla; vemos uma crítica no momento inicial sobre a criação de ideias científicas por parte das camadas mais populares e como pessoas de níveis sociais e com condições mais elevadas conseguem se aproveitar disso, para muitas vezes tomar autoria da produção epistêmica, lançando teorias e recursos tecnológicos que foram desenvolvidos por outras pessoas.

Isso acontece a partir da ideia de Seu Edson, pai da família de criar um carro movido a metano. Entretanto, ao falar sobre a sua ideia em voz alta, tem seu projeto roubado pela empresa chamada “Shostners and Shostners”, que sempre se aproveita das invenções do pai do Jorel.

Em seguida, após roubar a invenção do Seu Edson, é feita uma corrida de motocicletas e isso nos possibilita conhecer um pouco mais dos personagens que vão aparecer durante o decorrer da série, que estão participando da corrida.

Nesse momento verifica-se a diversidade de experiência das infâncias, ao passo em que o desenho apresenta como os recursos financeiros permitem que a criança com mais condições disponha de uma diversidade muito maior de vivências e acesso aos bens materiais, ao passo em que uma das crianças, que o desenho dá a entender que tem alguma ligação com a empresa “Shostners and Shostners”, chega na competição com uma bicicleta parecida com uma moto, enquanto as outras aparecem com bicicletas de rodinhas. Seguindo o episódio, temos figuras mais presentes na narrativa como a Lara, que é a melhor amiga do personagem principal (Irmão do Jorel) e Ana Catarina, figura por quem o mesmo é apaixonado.

É interessante destacar como, a princípio, no primeiro episódio, não é possível apontar nenhum personagem negro durante a competição, nem no decorrer do primeiro capítulo, coadunando com as proposições de Nayara Salvador (2012) ao levantar a ausência de figuras negras em papéis de relevância (protagonismo) nos desenhos animados presente nas mídias digitais consumidas pelo público infantil, contribuindo para a manutenção das concepções normativas propagadas pelo senso comum e pelas classes dominantes.

Pode-se também fazer inferência sobre a ausência desses personagens na competição devido à não condição financeira para obter acesso a esses bens materiais que as crianças brancas possuem, compram e tem acesso. Essa é uma realidade muito presente que reafirma a importância da não universalização das infâncias, haja visto que existem uma série de fatores socioeconômicos e políticos que influenciam diretamente nas vivências de muitas crianças negras, como o exemplo citado, fazendo com que as experiências nessa momento da vida sejam também distintas.

Mais adiante, com o início do segundo episódio, intitulado por *Gangorras da Revolução*, é possível observar um pouco mais sobre a rotina do irmão do Jorel dentro da escola, junto com seus amigos. Dessa forma, podemos reafirmar que dentre as crianças que são apresentadas, apenas uma delas é negra, com a aparição inicial de Marcinho Ririzon, personagem secundário que aparece durante alguns episódios. Nesse, ele surge em dois momentos, ambos de forma rápida e sempre no meio das brincadeiras, não possuindo falas muito importantes e também não recebe tanto foco no enredo.

Esse é um ponto muito interessante por possibilitar a reflexão sobre a escola enquanto uma instituição de socialização essencial para as crianças negras, por oportunizar um leque de

experiências que talvez não possam ter no seu ambiente familiar, pois, como vimos, muitas crianças possuem uma realidade familiar muito distinta, precisando entrar no mercado de trabalho muito cedo para conseguir auxiliar os pais nas demandas financeiras.

Dessa forma, a escola precisa atuar como *locus* de garantia dos direitos básicos para esse público, possibilitando socialização com seus iguais e também com os outros nas relações verticais (com mais velhos), acesso a bens materiais, com ferramentas pedagógicas e lúdicas (livros, cadernos, brinquedos, etc.), e também contato com os esportes e brincadeiras que acontecem no chão da escola, como apresenta o desenho animado, visto que atuam como espaço de formação individual, e coletiva para esses sujeitos auxiliando também nos processos educacionais.

Outras análises são possíveis de serem levantadas ao observarmos as rotinas mantidas na escola. Nesse capítulo, vemos a resistência das crianças em relação às normas da escola e o controle sobre os seus corpos, por parte das atitudes/brincadeiras da Dona Lola (diretora da escola em que as crianças estudam).

A primeira dessas observações, com a aparição inicial de Marcinho, são os traços bem característicos da cultura afro, como seu cabelo no estilo flap top (um topete para cabelos crespos com características bem definidas que é o formato quadrado que varia de tamanhos - no caso do personagem o tamanho do corte é grande). Como observa-se na imagem a seguir:



(Marcinho Ririzon - Imagem 1)

Essa representação, com traços muito característicos, é essencial para que as crianças negras possam reconhecer outras formas de beleza desatrelada da concepção branca eurocêntrica padronizada e mantida pela sociedade, de cabelo liso, pele clara e olhos azuis, responsável por embranquecer e atormentar os corpos desviantes que nunca se encaixaram nem muito menos se viram nesse quadro restrito de beleza. O cabelo, segundo Gomes e Arrazola (2019) atuam para além

da constituição da estética negra, atuando como um dos principais instrumentos de formação identitária negra, colocando-os num espaço de poder encontrado na valorização de si, transformando-se em símbolo de fortalecimento e resistência, dando oportunidade para que esses sujeitos possam ver e traçar novos caminhos e formas de ser e estar no mundo contra a discriminação racial e todos os instrumentos opressores existentes em uma sociedade própria para invisibilizar e negar a fala, o direito ao lazer, à ontologia e à beleza dos corpos negros infantis.

No segundo trecho em que aparece, após o momento em que o irmão do Jorel e seus amigos decidem promover uma revolução contra a diretora, surge sem camisa e com o corpo pintado, apresentando traços artísticos muito similares com as expressões culturais que remetem à cultura africana e também indígena, levando a compreensão de que o artefato cultural analisado, embora não dê protagonismo aos personagens negros, possibilita, por outro lado, o surgimento e a divulgação de uma pluralidade de representações culturais, artísticas e estéticas atreladas à sociedade brasileira, levando assim a uma maior visibilidade de formas distintas de produção epistêmica e cultural dos povos não ocidentais. A imagem das pinturas no corpo feitas pelo personagem será apresentada a seguir:



(Marcinho Ririzon - Imagem 2)

Ainda no mesmo capítulo, vemos o surgimento do segundo personagem de pele preta, sendo este o seu Adelino, homem de estatura média, com cabelo crespo tamanho médio, bigodes curtos e repartidos ao meio (como utilizava o cantor Cartola), usando regata e chinelos azuis, além do short vermelho, com óculos dourados bem chamativos. O personagem é o dono da loja “Adelinos”, lugar em que as crianças vão para jogar no fliperama e também comprar refrigerante, aparecendo também de forma secundária na história.

Já no capítulo de número 5, chamado de “Jornal do Quintal”, notam-se muitas referências ao cotidiano brasileiro, com a música de entrada do jornal nacional, além de problemas

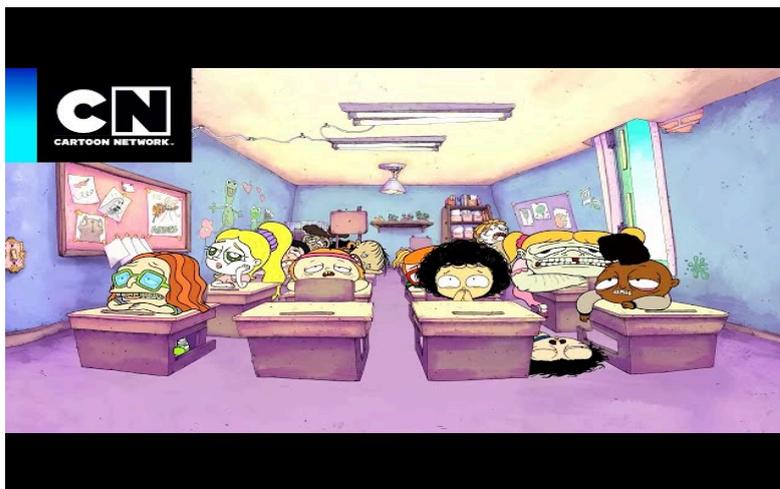
com energia elétrica, que, devido à sobrecarga com a utilização de muitos eletrodomésticos em uma única fonte, provoca incêndio na casa do irmão do Jorel. O que se vê apresentado é uma realidade muito presente nas casas das famílias que vivem nos subúrbios brasileiro devido às más condições e falta de apoio estatal.

Ainda nesse mesmo episódio, surge a aparição de outros dois personagens de pele preta, o Syd Vinícius, um dos colegas de classe do irmão do Jorel, uma criança negra que possui uma representação um tanto quanto caricata em relação às dimensões desproporcionais da cabeça e pescoço, além de apresentar cabelo espetado, olhos vermelhos, regata branca, shorts verdes e tênis preto. Essas representações do negro como exóticos, segundo Gabriela Silva (2018), contribuem para ampliar a dicotomia existente entre as classes, mantendo a separação a partir de uma patologização das raças, ao passo em que ao vislumbrarem as diferenças representativas entre figuras pretas e brancas, as crianças constroem em seu imaginário que o preto está atrelado ao estranho e exótico e o branco ao normal e bonito, padronizado.



(Syd Vinícius- Imagem 3)

Em seguida, tem-se a primeira aparição da professora Adelaide, uma mulher negra de cabelo liso na altura do pescoço, usa óculos roxo, além de vestir uma camisa verde e calça jeans azul com cinto marrom e tênis verde com branco. Ela é a pedagoga responsável pela turma do irmão do Jorel, composta por 15 crianças, nas quais 13 são pessoas de pele clara e apenas duas dessas crianças são negras (Marcinho e Syd Vinicius).



(Sala de aula do irmão do jorel - Imagem 4)

Isso nos permite também ter uma compreensão das dificuldades de acesso e permanência para as crianças negras nos espaços formais de ensino, devido às complexidades existentes nos espaços externos à escola em que estão inseridos esses sujeitos, demonstrando uma disparidade enorme na realidade vivenciada pelas crianças negras e não negras, como aponta Vila Nova (2023), ao citar Oliveira:

Dia de semana em uma cidade como São Paulo, por volta do meio-dia. Uma cena que se “naturalizou” é meninas e meninos de dez anos ou até menos vendendo doces ou limpando vidros de automóveis nos cruzamentos das ruas. A cor dessas crianças é negra. E se andarmos para determinados lugares, particularmente onde existem escolas particulares, vemos crianças brancas saindo alegremente das aulas e entrando em carros particulares dos seus pais, indo para casa descansar. (Oliveira, 2021, p. 59, grifos do autor, apud Vila Nova, 2023, p.56-57).

A professora Adelaide, assim como os outros personagens negros aqui descritos, estão inseridos em papéis secundários não dispendo de muitas participações que influenciam diretamente na trama proposta pelos capítulos.

Na metade da temporada 01, no episódio de número 13, intitulado de “A aterrorizante vida adulta”, acontece o aniversário de 8 anos do irmão do Jorel. Nesse episódio, identifica-se a importância da representatividade negra em espaços de poder, ao tempo em que outro personagem é introduzido à história, por ser fonte de inspiração para uma das crianças negras (Marcinho). Destaco o momento no episódio em que durante uma atividade em sala de aula, a professora Adelaide pede para que os alunos façam um teste surpresa sobre as responsabilidades da vida adulta, mas, ao contrário disso, as crianças passam a falar sobre o que querem ser quando crescer.

Desse modo, Marcinho fala que vai combater o crime com uma jaqueta irada como o ator Jack Thompson, que aparece logo em seguida, sendo este um homem negro, extremamente musculoso, de alta estatura, com cabelo moicano não muito espesso e curto no topo da cabeça, com bigodes grandes e grossos, que utiliza uma roupa descolada com jaqueta azul, camisa amarela, calças marrons e tênis preto, aparecendo durante o desenho em diversos espaços de poder, devido a popularidade dos seus filmes, fazendo papéis em conjunto com o seu melhor amigo Steve Magal, tornando-se assim, uma representação positiva do corpo preto que causa identificação e conseqüentemente possui influência direta e nítida na formação do imaginário e na construção da autoidentidade de forma positiva para o Marcinho, que se espelha no ator, possibilitando o surgimento de projeções e aspirações sobre o futuro a partir da relação com a figura descrita.

Ainda no mesmo capítulo, vemos, pela primeira vez, uma participação com maior notoriedade e tempo de tela de um personagem negro no enredo. O capítulo é marcado pela transformação do irmão do Jorel, Lara e Marcinho em pessoas mais velhas, deixando de ser crianças a partir do feitiço de um gênio.

Além disso, Seu Edson tem seu carro, um fusca, roubado por um bebê, por isso as crianças se juntam para recuperá-lo, saindo os três em uma aventura para tentar resgatar o carro roubado. Para isso, Marcinho some e volta com um carro da polícia que o desenho não apresenta como ou com quem ele conseguiu. Até que seguem os 3 até o fusca, gerando uma grande missão contra bebês que compõem uma gangue italiana; depois dos embates, Marcinho, Jorel e Lara conseguem voltar com o fusca (mesmo que destruído).



(Marcinho Ririzion após aparecer com o carro da polícia - Imagem 5)

Esse é o primeiro momento em que um dos personagens negros tem maior participação e tempo de tela durante o desenho e vemos algumas questões que podem ser levantadas e que o desenho não deixa claro: a primeira delas é a existência de uma visão social que não consegue

desatrelar uma ligação mesmo que inconsciente entre o negro e a polícia, ao passo em que a primeira atitude do personagem Marcinho é aparecer dentro do carro da polícia e ao ser questionado por seus amigos não responde como conseguiu, dando ideia de furto ao carro.

Uma outra perspectiva que pode ser levantada é de que, como Marcinho apresenta uma admiração pelo personagem Jack Thompson, que em seus filmes faz o papel de policial e luta contra a criminalidade nas cidades, seria então uma das representações do sonho do personagem negro sendo apresentado a partir da imaginação criativa e fértil natural da criança, fazendo com que ele pudesse se ver ocupando um espaço de poder como o personagem em quem se inspira.

Pouco mais à frente, no capítulo 18 chamado de “Gincana mortal”, temos a aparição de outro personagem negro chamado de “Irmão do Marcinho”, um homem extremamente alto de dimensões completamente exageradas e caricatas, voltadas para o estereótipo do negro jogador de basquete, sendo uma figura extremamente magra, com pernas, braços e pescoço alongados, usando regata de basquete, meião e basqueteira (tênis). Ele aparece para auxiliar o seu irmão, Marcinho, durante as atividades propostas numa gincana, mas também não possui tanta influência no desenrolar da história e dos acontecimentos do episódio.

Nesse mesmo capítulo tem o surgimento de uma outra criança negra que aparece no meio do público que está assistindo as atividades da gincana: essa figura é chamada por Blauker um outro menino de pele preta com tranças twist de espessura fina e tamanho pequeno (tipo de trança afro que são feitas a partir da torção e cruzamento das mechas do cabelo), que possui olhos grandes, utiliza camisa marrom e calças amarelas; ele não tem nenhuma fala nesse episódio, e quando aparece novamente nos capítulos seguintes, esse quadro não tem mudanças significativas.

Desse modo, analisando também a relação entre a obra o “irmão do Jorel” e a linguagem utilizada no desenho animado, vemos que a diversidade linguística é muito trabalhada e promovida pelo programa, de tal forma que antes do início do terceiro episódio, chamado de “Clube da Luta Livre”, no momento da abertura, quando surge o famoso logo da Warner Bros a Vovó Juju fala “Versão brasileira”; logo o personagem irmão do Jorel apaga e modifica a expressão para “Feito no BR”, dando sequência ao surgimento de várias marcas culturais características do Brasil com narração do personagem principal, como referências aos passinhos de dança, comidas típicas e festividades, seguidas da fala “isso é tão BR”.

Autoras como Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011), abordam a construção e utilização da língua como instrumento de interação social, formação individual e coletiva, colocando os falantes

da língua como agentes sociais em concordância com Bakhtin/Volochinov (1992, apud, Fuza, Ohuschi e Menegassi, 2011).

Sendo assim, a linguagem estaria relacionada não apenas às capacidades de transmissão de conhecimento e do ato de se expressar, mas na formação das concepções sobre si e sobre o mundo que nos cerca. Dessa forma, a partir da interação comunicativa, os sujeitos constroem e são construídos, atuando assim como ferramenta de perpetuação de crenças, conhecimentos e de cultura.

Assim sendo, permitir, proibir e estigmatizar formas de expressões linguísticas, não abrindo espaço para a variedade e as variações linguísticas existentes em uma sociedade caracterizada pela diversidade cultural, passa a ser também uma das formas de dominação sobre as populações colonizadas, elevando a importância e a valia de que o desenho animado analisado, possa dar margem para a representação de não apenas uma maneira de comunicação, mas apresentando a pluralidade linguística existente na sociedade brasileira, abrindo margem para pensarmos também na diversidade ontológica, epistêmica e cultural.

No Episódio 7 com título de “A Perigosa Lambada Brutal”, observa-se a presença da personagem de nome Samantha, que se apresenta também com características caricaturizadas, sendo a maior criança da sala, com braços absurdamente grandes para sua idade, rosto extremamente quadrado, pele verde e cabelos loiros com “chiquinhas” pequenas.

A personagem é marcada por ser a valentona da escola, de quem todos têm medo; além disso, a principal característica a ser descrita é a linguagem informal apresentada pela figura com a utilização de diversas gírias, o que é possível de observar em diversos capítulos: No episódio 7; no oitavo chamado por A História Sem Começo Meio e Fim e no 26 nomeado de “Meu Segundo Amor”, utilizando frases como “Vou pra casa me arrumar, tomar um banho e pá”; “Cê pisou na minha amarelinha mano”; “Sussa tio” “Ai irmão do Jorel, Cê quer casar comigo, arrumar uns trapos e pá?” dando assim mais uma vez, visibilidade para uma multiplicidade de formas de expressão.

Já na segunda temporada, no episódio 10 intitulado por “Mc Juju”, observa-se uma crítica à visão social arraigada de estigmas e preconceitos sobre as expressões culturais, artísticas e linguísticas desenvolvidas e utilizadas pela população negra/periférica, o que pode ser constatado quando o Jorel, ao descobrir as habilidades de fazer rap da sua avó Juju, decide tentar rimar, e o personagem principal começa a utilizar expressões como “Ela mandou um flow crazy, yo”.

Com isso, na primeira vez que decide fazer rimas na rua, um policial (representados por palhaços no desenho), questiona o que ele pensa que está fazendo utilizando aquele tipo de

linguagem e leva-o para casa perguntando a sua família “Vocês são os pais desse vândalo? ele está envolvido com RIMAS” e a família logo atrela a linguagem periférica do rap ao mundo do crime com o Seu Edson falando “Não acredito que meu filho está envolvido com gangues”. Será deixada a seguir uma das imagens do episódio comentado:



(O policial abordando o irmão do jorel e a sua avó - Imagem 5)

A meu ver, a série busca demonstrar como as expressões e produções artísticas, culturais e políticas são deslegitimadas a partir de um condicionamento social que atrela os corpos não brancos e suas formas de ser e estar no mundo a imoralidade e às máculas sociais, fazendo com que seus processos de produção de conhecimento, arte e vida sejam não apenas negados, mas sofram uma série de tentativas de extermínio, simbólico, físico e ontológico que leva a chamada morte em vida, citada por Trindade e Santos (1999, apud Silva, 2020).

Dando continuidade ao episódio acima citado, Jorel decide levar a sua avó a um programa de televisão para falar sobre seu talento, mas ela nunca atesta a veracidade dos fatos apresentado pelo protagonista na frente de outras pessoas, que passam a não acreditar nele, sendo questionado pelo apresentador com a seguinte pergunta “quer dizer então que a sua avó é rapper?” e ele responde “É rapper da pesada mano”, sendo logo repreendido pelo apresentador do programa com uma expressão preocupada e triste dizendo “Da pesada mano?? Uma criança tão jovem jogando a sua juventude pelo ralo”, e o personagem principal parece ficar confuso e não entender o motivo disso.

Segundo Frantz Fanon (2008), é por meio da linguagem que nos reconhecemos e constituímos nossa identidade e expressamos nossa cultura; o controle sobre como e o que se falam, descritos pelo autor foi e continua sendo uma das principais características utilizadas pelos povos colonizadores para concretizar os processos de dominação sobre as populações subjugadas, haja visto que, dominar as formas de escrita e da linguagem utilizada por estes é também assumir

controle sobre a cultura em que se está inserido, obtendo controle e autoridade sobre como os falantes da língua se expressam, estabelecem relações e atuam sobre o mundo.

A partir disso, vemos que a série, ao trazer uma visão crítica sobre como algumas linguagens são vistas na sociedade brasileira, mais especificamente sobre a linguagem periférica, demonstra a perpetuação de uma série de estigmas e preconceitos concebidos sobre a existência e as formas de ser e estar para os corpos negros, colocando em voga a impossibilidade de exercerem sua cultura, suas crenças, além de reforçar uma lógica colonial de controle sobre os corpos que leva aqueles que não seguem a lógica padronizada descrita pela população dominante, ao espaço do não ser, negando a ontologia desses sujeitos, gerando um processo de coisificação dos corpos (Fanon, 2008) que influi diretamente na construção sobre si e sobre o outro.

Dando continuidade ao capítulo, momentos depois o irmão do Jorel acaba entrando em uma batalha de rimas com um outro personagem que surge da plateia, sendo assim introduzidas outras duas figuras negras na obra, o Mc Kassius Kley (responsável por desafiar-los), um homem negro com cabelo em formato de conte/pontudo modelado para cima, tem barba grande, utiliza óculos com lente azulada e bordas amarelas, se vestindo com um casaco cinza com listra amarela na parte inferior, calça azul e basqueteira vermelha nos pés. Esse personagem é dublado pelo rapper Emicida e sempre está com o seu parceiro chamado de Mc Outro Cara, outro homem negro que apresenta músculos expressivos, é careca e usa uma bandana amarela com manchas pretas na cabeça, que está sempre vestido de regatas brancas, conhecido por sempre dobrar a última palavra do seu amigo Kassius Kley quando este está rimando.

Dessa forma, ao entrar no ringue contra o irmão do Jorel, Kassius Kley começa a apresentar a linguagem artística atrelada ao rap para o público, que vai à loucura, fazendo um contraponto e sendo apresentado como uma crítica e forma de resistência desenvolvida pelo desenho animado sobre a linguagem e as expressões culturais populares/periféricas, sendo também instrumento de promoção a diversidade existencial a formas de ser e estar no mundo, capazes de perfurar a bolha branca ocidental, causando identificação e representação para os corpos desviantes/invisibilizados que podem ter, a partir disso, um espaço de luta e pertencimento.

Nesse mesmo momento, o irmão do Jorel tenta rimar mas não tem muito sucesso e a sua avó ainda apresenta resistência a ajudá-lo até que o rapper adversário fala sobre abacate, o fruto favorito da senhora. Quando isso acontece, a vovó Juju pega o microfone e diz “pode deixar comigo irmão do Jorel, eu vou destruí-lo” e começa a fazer uma batalha de rima com o Mc Kassius Kley. Nesse ponto é muito interessante observar a plateia com vários personagens e figurantes pretos que

vão a loucura com as rimas e a apresentação artística do rap no episódio, demonstrando mais uma vez a importância da diversidade linguística, cultural e a necessidade de abrir espaço para as mais diversas formas de expressões e da linguagem apresentadas pelas populações não brancas e periféricas.

Dessa forma, o desenho animado analisado, permite o estabelecimento de alguns apontamentos: um deles é a imprescindibilidade de reconfiguração da lógica escolar enquanto um espaço de resistência e formação de laços de autoestima, pertencimento e valorização do si, do outro e da diversidade corporal, epistêmica e ontológica, partindo do pressuposto de que todos os estudantes possuem fala ativa, são produtores de conhecimento e precisam ser vistos de maneira sensível, empática e participativa em sua totalidade, como propõe Hooks (2013), que as salas de aulas possam estar cada vez mais preenchida com a diversidade de vozes e pensamentos como forma de perseverança e sobretudo de vida, contra todos os tipos de silenciamento e invisibilização.

Além disso, o professor precisa atuar como promotor de signos, linguagens e conteúdos que possam englobar as realidades em que estão inseridos os sujeitos existentes em sala de aula, compreendendo as suas demandas e subjetividades, pensando no desenvolvimento de uma práxis educacional revestida de intencionalidade e sentido, como propõe Franco (2015), a partir da reflexão contínua e permanente sobre a realidade em que estamos inseridos, fazendo isso em conjunto com os alunos.

Trata-se da necessidade de uma educação para pluriversalidade, como apresenta Noguera (2012), que possa dar espaço para a multiplicidade existencial e para suas individualidades a partir do enegrecimento da educação, de fazer com que se torne mais negra e tornando-a mais negra possa ser mais inclusiva para todos, possibilitando o surgimento de uma pedagogia de chão formada pelo contato comum e coletivo, e a necessidade de levarmos para o chão da escola, os ensinamentos da terra, lembrando que somos todos partes de uma só existência e vida.

Assim sendo, nota-se a relevância da promoção de formas e figuras de aspirações e da representatividade negra em espaços de visibilidade e poder, sendo também levadas para a escola por parte dos professores, como uma forma de fortalecimento e resistência para que mais uma vez os jovens negros(as) possam se identificar e se inspirarem, como um caminho de conseguir força para quebrar as imposições colocadas sobre seus corpos ao não ser, ainda muito presentes pelas violências cotidianas, sustentada através de olhares, dos preconceitos, das formas desiguais de tratamento e também da ausência de figuras como nós em espaços de poder e visibilidade, para que a partir dessa presença e da luta contra esses estigmas possamos abrir espaço para a possibilidade de

uma construção identitária positiva, para o desenvolvimento do autoamor sobre os nossos corpos negros que carregam o peso histórico das inúmeras e rotineiras tentativas de morte e dominação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção positiva da identidade negra é um desafio extremamente complexo, doloroso e violento em uma sociedade demarcada por uma clara e branca separação racial (Carneiro, 2005) que rege e designa quais corpos são tidos como normais, quais estéticas são tidas como coerentes aos padrões de beleza e quais são aqueles que merecem de fato viver e serem reconhecidos como seres humanos, agentes sociais, produtores epistêmicos, ditando para os corpos desviantes desse estreito conceito de “ser gente” direcionando formas cada vez mais restritas de ser e estar, atreladas a posição de subserviência e constantes violências perpetuadas de maneira histórica, política e social, mantida por uma estrutura social racista.

Nesse ponto, as infâncias, desatreladas da sua concepção puramente biológica, desenvolve-se enquanto um conceito histórico-social de forma lenta e paulatina, passando a crer nesses indivíduos como agentes sociais, com direitos, capacidade de fala e interpretação de si, do outro e do mundo que nos circunda, possibilitando ao passar do tempo e com a contribuição de diversos teóricos, a compreensão de que as infâncias trazem consigo uma multiplicidade de formas de ser experienciada, mediante a uma série de marcadores sociais, o território e condições em que esses sujeitos estão inseridos, não abrindo espaço para universalização de corpo, estética, de produção epistêmica e das formas de ser e estar no mundo.

Os marcadores de raça e cor são fundamentais para um recorte ainda mais expressivo e penetrante na ontologia dos corpos que estão inseridos num contexto de racialidade, levando assim a necessidade de pautamos a existência da concepção de infâncias negras, um espaço para que possamos entender que se as crianças estão inseridas em um contexto de luta e resistência para serem levadas em consideração como sujeitos sociais em formação, isso é ainda mais sensível quando a cor da pele é preta, visto que, desde o nascimento para esses corpos o tratamento e a forma como são vistos e conseqüentemente apresentam-se para o mundo, difere-se dos demais, levando também a uma série de enredamentos para a solidificação da imagem positiva sobre si e

sobre as condições raciais que os constituem, das relações em que estão inseridos com seus iguais e com os diferentes e das visões do mundo.

Surge assim a essencialidade de pautamos espaços para desenvolvermos a conscientização e refletirmos sobre a influência do racismo na construção das infâncias negras, de modo que as mídias digitais cada vez mais presentes na sociedade em que estamos inseridos, torna-se um poderoso instrumento de contato e desconstrução de estigmas e preconceitos sobre os corpos negros, além de possibilitar por meio da representatividade a reconstrução do imaginário infantil a partir de novas representações, distanciando-se das postulações comuns colocadas pelo senso comum em uma sociedade estruturalmente racista.

Dessa forma, a partir de uma contextualização histórica do artefato cultural dos desenhos animados, intentou-se pautar como os conteúdos animados inseridos nas mídias digitais possuem participação no desenvolvimento infantil, seja ele positivo ou não, além de refletir sobre os papéis tidos pelos personagens negros na obra o irmão do Jorel e como estas estão inseridas ainda numa perspectiva de secundarização dos corpos negros, distanciados dos papéis de protagonismo, colocados em posições de menor relevância para a obra, ao passo em que em alguns momentos aparecem apenas de forma rápida e sem muita contextualização, além de ressaltarmos a diferença entre a aparição de personagens negros e não negros na maioria dos episódios, como por exemplo na sala de aula do personagem principal, onde dentre os 15 alunos, apenas 2 são negros.

Entretanto, faz-se necessário pautar também os lados positivos encontrados durante as análises do artefato cultural analisado, já que o desenho animado aborda uma pluriversalidade de formas de linguagem, criticando os estigmas atrelados às formas de comunicação das populações periféricas/pretas da sociedade brasileira, na tentativa de fazer os telespectadores refletirem sobre as condições raciais e a forma como são vistas as manifestações culturais negras, nesse caso o rap. Além de também apresentar personagens com características marcadamente afro centradas, pinturas e signos que claramente tem influência das populações africanas, afro-brasileiras e dos povos originários, apresentando de mesmo modo uma diversidade estética muito ampla, com cabelos crespos, cacheados, cortes e estilos afro com o flap top, roupas e formas de se vestir etc.

O que nos leva a necessidade de pensarmos em conjunto enquanto futuros docentes os caminhos e a necessidade de revestir a educação com a utilização dessas representações cada vez mais presentes nas mídias digitais, nos desenhos animados, nos programas de tv, enfim, em espaços de poder que possam trazer à tona às corpos invisibilizados de forma positiva e não mais estigmatizada, além de pensar esses processos educacionais a partir da concepção dos estudos das

relações étnico-raciais, ou como propõe Noguera (2012), de denegri-la, de torná-la mais preta, e dessa forma tornando-a mais preta estamos também abrindo as portas para pluriversidade epistêmica, ontológica e afetiva, pensando no desenvolvimento de uma práxis educacional que possibilite o surgimento, a participação e que leve em consideração uma multiplicidade de conhecimentos, cultura, de corpos, permitindo a construção de laços de autonomia, independência, de autoestima e de pertencimento para aqueles que estão inseridos, possibilitando de mesmo modo o exercício da cidadania a partir da emancipação.

Dessa forma, as aprendizagens das crianças, no momento da alfabetização e do letramento, como postula Soares e Batista (2005), devem ser postas para além da obtenção das condições de utilização do sistema de escrita normativo, visando promover formas conscientes e críticas de visões de mundo. Assim, a linguagem, como propõe Fanon (2008), dentre outras teóricas como Fuza (Et al, 2011) atua como um instrumento de possibilidade de construção das visões de si e do outro, das formas de ser e estar em sociedade, a partir da interação com os outros e com o meio, sendo essencial que possamos possibilitar e inserir práticas que possibilitem a existência das múltiplas formas de variação linguística no chão da sala de aula, coadunando para o desenvolvimento integral das crianças, atuando também como uma forma de resistência aos processos de dominação e colonização que existem até os dias atuais, desde a mais tenra idade para aqueles que não se inserem nos padrões sociais de normalidade.

Sendo assim, o presente trabalho propõe-se a ser um instrumento de discussão para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e sensível para as complexidades raciais, levando em consideração a força dos processos de colonização que foram e ainda são perpetuados por uma sociedade predominantemente branca nos espaços de poder, para que possamos continuar sendo resistência, como propõe o Mestre Nego Bispo (2020).

Desse modo, concluo dizendo que podem tentar nos negar o direito de ser e estar, podem tentar queimar nosso território, nossas formas de produção de conhecimento e a forma como vivemos com a natureza, mas não podem queimar o nosso poder de ressurgir, de reviver, de continuar promovendo a vida, mesmo em meio à morte, de continuar levando adiante nossa ancestralidade a vida daqueles/as mais velhos e mais velhas que vieram antes de nós e lutaram para que pudéssemos estar onde estamos, e isso sempre será por nós.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A., & Oliveira, F. de. **A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção.** *Educação*, 1(1), 39–52. <https://doi.org/10.5902/198464441602>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1602>>. Acesso em: 01/11/2024.

ALBERTO, Lucena Junior. **Arte da Animação: técnica e estética através da história.** São Paulo: Editora Senac. 2019. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/qdownload/arte-da-animacao-lucena-alberto-pdf-free.html>>. Acesso em: 09/11/2024.

ALMEIDA, Maíra Lopes. **O uso de mídias digitais na primeira infância: tecnoinferência, variáveis, associadas ao uso e proposta de intervenção.** Rio Grande do Sul: Lume Repositório Institucional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/236113>>. Acesso em: 09/11/2024.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 2º. ed. 1986.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO Marlene de. **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa.** Marlene de Araújo (orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 2023. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5hOwEAAAOBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=as+inf%C3%A2ncias+negras&ots=mnbsSaXYrh&sig=vPB-5GHVIA9y-dk-YWXYGqIHSls#v=onepage&q=as%20inf%C3%A2ncias%20negras&f=false>>. Acesso em: 09/11/2024.

BARBOSA, Júnior Alberto Lucena. **Arte da Animação Técnica e Estética através da História.** 2 ed. São Paulo: Editora SENAC SP, 2005.

BAUER, Martin. W; GASKAELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada.** Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEZERRA, Larissa Rogério. **História do desenho animado e sua influência na formação infantil.** Ceará: Universidade Federal do Ceará (UFC). 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24841/1/2012_eve_lrbezerra.pdf> Acesso em: 01/11/2024.

BRONFENBRENNER, U; CECI, S. J. **Nature-Nurture Reconceptualized in Developmental Perspectives: A Bioecological Model.** *Psychological Review*, 101, 568-586. <<http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.101.4.568>>. Acesso em: 09/11/2024

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2006.

DOS SANTOS, Wellington Oliveira. **Identidade negra, relações étnico-raciais na diáspora e o filme Pantera Negra**: para uma discussão educacional. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 44, n. 1, 2018. DOI: 10.22484/2177-5788.2018v44n1p69-89. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3275>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA). 2008.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **As Mediações na Produção de Sentidos das Crianças sobre os Desenhos Animados**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2002. Disponível em: <http://www.radioweb.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2005/as_mediaco es_na_producao.pdf> Acesso em: 01/11/2024

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Didática para quem? Didática para quê?** Reflexões a partir de seu objeto. in: CAVALCANTE; M. M. D. Didática e a prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação dos professores e a sociedade. Fortaleza. CE: EdUCE. 2015. p. 01-23.

FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. **Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna**. Rio Grande do Sul: Linguagem e Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, 2011.

GALDINO, Mariana Soares de Lima. **As crianças nas Redes Sociais**: Concepções de Infância em Cena. João Pessoa PB: Universidade Federal da Paraíba. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3784?locale=pt_BR>. Acesso em: 09/11/2024.

Gomes, Nilma Lino. **O movimento negro brasileiro indaga e desafia as políticas educacionais**. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 11(Ed. Especi), 141–162. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/687>>. Acesso em: 13 maio. 2024.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO Marlene de. **Infâncias negras**: vivências e lutas por uma vida justa. Marlene de Araújo (orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 2023. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5hOwEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=as+inf%C3%A2ncias+negras&ots=mnbSSaXYrh&sig=vPB-5GHVIA9y-dk-YWXYGqIHSls#v=onepage&q=as%20inf%C3%A2ncias%20negras&f=false>>. Acesso em: 09/11/2024

GOMES, CLÁUDIA Ferreira Alexandre; ARRAZOLA, Laura Susana Duque-. **Consumo e Identidade**: O cabelo afro como símbolo de resistência. Paraná: Revista da ABPN. 2018.

GONÇALVES, Elisa Pereira; POSSEBON, Fabrício. **A emoção do medo**: olhares clássicos para compreender desafios no presente. Revista Cocar, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 261–278, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2510>>. Acesso em: 9 nov. 2024.

GROSSI. M; LEAL. D; SILVA. M. **Educação Midiática**. Cultura Digital e as Fake News em Tempos de Pandemia. Educação em Revista Marília, v. 22. p.179-198. Edição Especial. 2021.

HJARVARD, Stig. **Da mediação à midiaticização**: a institucionalização das novas mídias. Parágrafo, v. 2, n. 3, jul./dez., 2015. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331>>. Acesso em: 09/11/2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2013. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf>. Acesso em: 01/11/2024.

IRMÃO DO JOREL. **Irmão do Jorel Fandom**. Disponível em: <[https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_\(s%C3%A9rie_de_TV\)](https://irmaodojorel.fandom.com/pt-br/wiki/Irm%C3%A3o_do_Jorel_(s%C3%A9rie_de_TV))>. Acesso em: 31/10/2024.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça etnia e outras coisas mais**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2504>>. Acesso em: 01/11/2024

KRUSE, Tulio. **Uma pessoa negra foi morta a cada 12 minutos ao longo de 11 anos no Brasil**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/06/uma-pessoa-negra-foi-morta-a-cada-12-minutos-ao-longo-de-11-anos-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 09/11/2024

LAZARRI, Lisiane Bergmann. **Mídias na sala de aula**: análise da utilização de desenhos e filmes em escolas de educação infantil. 2023. 24 p. Monografia (especialização) - Pós-graduação Lato Sensu em Mídia e Educação - Universidade Federal do Pampa/UAB - Universidade Aberta do Brasil, Campus São Borja, São Borja, 2023. Disponível em: <<https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riiu/8174>>. Acesso em: 09/11/2024.

L, Elías Arab; G, Alejandra Díaz. **Impacto de las redes sociales e internet en la adolescencia**: Aspectos positivos y negativos. Chile: Rev. Méd. Clín. Condes, 2015. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0716864015000048>>. Acesso em: 09/11/2024.

MOMO, Mariangela. **As crianças de hoje não são mais como antigamente!** Implicações culturais no mundo contemporâneo para os modos de ser e viver a infância. Rio Grande do Sul: Textura - Revista de Educação e Letras, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1243/932>> Acesso em: 09/11/2024.

NOVA, Adeildo Vila. **Infância negra no Brasil, racismo e violação de direitos humanos**: a educação para as relações étnico-raciais e os desafios para uma educação antirracista. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2023. Disponível em: <https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_2490_24906497f20c2d7ea.pdf>. Acesso em: 01/11/2024

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. **Infâncias Diante do Racismo**: teses para um bom combate. Rio Grande do Sul: Educação & Realidade, 2019. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/s6MZxwSx8PGL9hppMfP6FPF/?lang=pt>>. Acesso em 01/11/2024.

NOGUERA, Renato. **DENEGRINDO A EDUCAÇÃO: UM ENSAIO FILOSÓFICO PARA UMA PEDAGOGIA DA PLURIVERSALIDADE**. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação* (RESAFE), (18), 2012, p. 62–73. <https://doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523>.

PIMENTA, Victor Martins. **Uso de telas por crianças e adolescentes**. Brasil: Secretaria de Comunicação da Presidência da República (SECOM). 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/participamaisbrasil/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 09/11/2024.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler. **Leis e regulamentos da instrução da Paraíba no período imperial**. Brasília: INEP, 2004. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/historia-da-educacao/leis-e-regulamentos-da-instrucao-da-paraiba-no-periodo-imperial>>. Acesso em: 09/11/2024.

POSTAMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Rio Grande do Sul: Feevale. 2013.

REIS, Diego dos Santos. **Infâncias negras: desafios e perspectivas antirracistas na educação infantil paraibana**. In: SILVA, Otavio Henrique Ferreira da. (Org.). **Infâncias, Educação Infantil e relações étnico-raciais: possibilidades e desafios nos 20 anos da Lei 10.639/03**. 1ed. Petrolina: IFSertãoPE, 2024, v. 1, p. 65-76.

ROCHA, Isabela Ferreira. **Representatividade negra nos desenhos animados: Narrativas de crianças pequenas em instituição de educação infantil**. Ceará: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. 2023. Disponível em:

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; WERMEILINGER, Vitória Marinho; LEITE, Marcelo Matheus Presse. **Infâncias negras: desafios e perspectivas antirracistas na educação infantil paraibana**. In: Silva, Otavio Henrique Ferreira da (Org.). **Mídia e infância: criança negra**. 2024.

SANTOS, Antonio Nego Bispo. **Somos da Terra**. Minas Gerais: Revista Piseagrama. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. 2013.

SARMENTO, M. J. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. In: Sarmento, M. J.; Cerisara, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SILVA, Mayara Darília Santos. **A Influência dos desenhos animados no comportamento de crianças ao brincar** - Uma revisão. Paraíba: Revista Lugares de Educação. 2015.

SALVADOR, Nayara Rios Cunha. **A influência da Sociedade Multimidiática no Comportamento Infantil**. Rio de Janeiro: Revista Saber Digital. 2012.

SILVA, Taila Angélica Aparecida da. **A influência dos desenhos animados na infância**: um olhar a partir da teoria crítica. Cadernos Cajuína. 2021.

SILVA, Tânia Cristina do Ramo; Gomes, Ana Claudia Fernandes. **A importância dos desenhos animados como representação ideológica**: Formação da identidade infantil. Paraná: Iniciação Científica Cesumar. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/664>>

SILVA, Gabriela Gonçalves da. **Um contorno da identidade negra nos desenhos animados**: uma análise sobre produções brasileiras de animação. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, L. G. da; NOGUERA, R. (2020). **Repensando as infâncias das crianças negras**: notas afroperspectivistas e introdutórias a partir do Sopapinho Poético. *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura*, 3(9), 187–203. <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10442>.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto Trindade**: O baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Rio de Janeiro: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. 2020.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: <https://orientaeducacao.files.wordpress.com/2017/02/col-alf-let-01-alfabetizacao_letramento.pdf>. Acesso em: 06/04/2023